

MARTA MARIA LAZARIN RICCI

**GRUPOS NOMINAIS DO PORTUGUÊS:
UMA ABORDAGEM PARAFRÁSTICA**

Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr.
Ataliba Teixeira de Castilho.

Campinas
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
1997

h 765046

UNIDADE	BC
N.º CHAMA	TIUNICAMP
	R359g
V.	
TOMBO B.	30358
PROC.	281197
C	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO R\$	11,00
DATA	22/05/97
N.º CPD	

CM-00098272-3

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP**

R359g

Ricci, Marta Maria Lazarin
 Grupos nominais do português: uma abordagem parafrástica / Marta Maria Lazarin Ricci.
 - - Campinas, SP : [s.n.], 1997.

Orientador: Ataliba Teixeira de Castilho
 Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

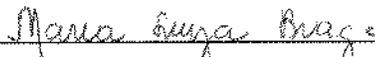
1. Paráfrase. 2. Coesão (linguística). 3. Língua portuguesa. I. Castilho, Ataliba Teixeira de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.



Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho



Prof. Dr. Rodolfo Ilari



Prof^a. Dr^a. Maria Luiza Braga

Data exemplar é a redação final da tese
defendida por MARTA MARIA LAZARIN

Rioci

e aprovada pela Comissão Julgadora em

20, 02, 97

Prof. Dr. ATALIBA TEIXEIRA DE CASTILHO

A meus pais, ANTONIO e LEONOR,
pelas lições de vida,
marcadas de amor.

A meu marido, LUCIANO,
pelo que é na vida que compartilhamos.
E não menos, pelo nosso amor...

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, inicialmente, e de modo especial, ao meu orientador, Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho, que soube tão bem conduzir a orientação desta dissertação, através de valiosas sugestões e questionamentos provocadores, resultantes de seu empenho, dedicação e atenção. Agradeço-lhe pelos ensinamentos preciosos, responsáveis pelo caminho até aqui percorrido.

O meu agradecimento à Prof^a. Dr^a. Ingedore Villaça Koch, com quem iniciei os estudos de Lingüística Textual e a quem devo, particularmente, as primeiras sugestões e reflexões que impulsionaram o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço aos Profs. Dr^a. Maria Luiza Braga e Dr. Rodolfo Ilari por sua contribuição e comentários advindos por ocasião do exame de Qualificação, bem como pela sua atenção e disponibilidade. Agradeço, ainda, por me propiciarem, através de discussões, a revisão de algumas questões que resultaram primordiais para a realização do presente trabalho.

Aos estimados Luiz Antonio e Maria Lúcia, pelo apoio de sempre.

Devo um agradecimento especial a meu marido, Luciano, por dividir comigo os muitos momentos em que me dediquei a este trabalho, bem como pela sua dedicação e imprescindível colaboração nas tarefas de nosso cotidiano.

Finalmente, agradeço à CAPES, órgão de incentivo à pesquisa, pelo auxílio financeiro que me proporcionou.

RESUMO

Nesta dissertação, a paráfrase é considerada como um procedimento lingüístico que promove a constituição e o modo de organização dos textos.

Os dados analisados foram retirados de textos orais e escritos, com o propósito de mostrar que os grupos nominais (SNs) do Português que estabelecem relações de equivalência semântica - relações parafrásticas - atuam como um mecanismo de coesão textual (referencial e seqüencial).

A análise do funcionamento desses SNs na organização do texto faz-se, inicialmente (cap. 1), no nível do sistema sintático, em que são examinados os constituintes do SN que estão em relações de paráfrase. Tal procedimento resultou na abordagem da paráfrase segundo três categorias sintáticas de análise: paráfrases intra-sintagmáticas (cap. 2), intra-sentenciais (cap. 3) e intersentenciais (cap. 4).

O capítulo 4 apresenta uma classificação dos SNs de acordo com as relações sintáticas de simetria e assimetria entre os elementos parafraseados e, à luz do sistema semântico, são abordados dois tipos de paráfrase desencadeados pelos SNs: referencial e inferencial.

No capítulo 5, propõe-se uma tipologia de SNs, a partir de suas relações de natureza morfológica, semântico-lexical, semântico-pragmática e metalingüística no interior do texto.

Finalmente, no capítulo 6, é observada a importância da função dos SNs na progressão temática, segundo as categorias Tema e Rema, numa perspectiva funcionalista da linguagem.

ABSTRACT

Paraphrase is here defined as a linguistic process through which texts are constituted and organized. This study of oral and written Portuguese texts shows that Nominal Phrases (NPs) which establish such relations of semantic equivalence function as a mechanism of textual cohesion (reference and sequence).

The analysis of the functioning of NPs in text organization leads to an initial syntactic examination of the constituents of the NP that are related to paraphrasing (Chapter 1), resulting in an approach which utilizes three syntactic categories of analysis: the phrase level (Chapter 2), the sentence level (Chapter 3), and the inter-sentential level (Chapter 4).

The classification of NPs presented considers not only the syntactic relations of symmetry and asymmetry between the elements paraphrased but also two semantic types of paraphrasing resulting from the NPs: referential and inferential (Chapter 4).

An NP typology is then proposed (Chapter 5) which is based on the nature of the morphological, semantic-lexical, semantic-pragmatic and metalinguistic relations within the text; the concepts of Theme and Rheme are used to explore the importance of the role of NPs in thematic progression from a functional perspective of language in the final chapter.

"Il y a toujours progression discursive, argumentative, jamais de réelle répétition ou tautologie, ou simple calque du sens: le sens du texte-source décodé, re-construit par le sujet n'est jamais reproduit identique, mais toujours re-re-construit".

CATHERINE FUCHS

SUMÁRIO

vi

<i>Dedicatória</i>	i
<i>Agradecimentos</i>	ii
<i>Resumo</i>	iii
<i>Abstract</i>	iv
<i>Epígrafe</i>	v

SUMÁRIO	vi
----------------	----

Índice de figuras e gráficos	ix
------------------------------	----

INTRODUÇÃO	1
-------------------	---

CAPÍTULO 1: O GRUPO NOMINAL E A PARÁFRASE	6
--	---

1.1. O grupo nominal:	
categoria sintática e descrição da sua estrutura	6
1.2. Os SNs e sua relação com a paráfrase	11
1.2.1. A paráfrase: delimitação teórica	11
1.2.2. Paráfrase referencial e paráfrase inferencial	15

APÊNDICE - NORMAS DE TRANSCRIÇÃO DO PROJETO NURC	19
---	----

CAPÍTULO 2: PARÁFRASES INTRA-SINTAGMÁTICAS	21
---	----

2.1. Paráfrase do núcleo	22
2.2. Paráfrase do complementador	24
2.2.1. O complementador é um SAdj	24
2.2.1.1. SAdj como núcleo	25
2.2.1.2. SAdj com complementos	27
2.2.1.3. SAdj com especificadores	28
2.2.2. O complementador é um SPREP	32
2.2.3. O complementador é uma OREL	35
2.2.3.1. Orações relativas restritivas (ORRs)	35

	vii
CAPÍTULO 3: PARÁFRASES INTRA-SENTENCIAIS	38
3.1. SN equativo	38
3.2. SN apositivo	40
CAPÍTULO 4: PARÁFRASES INTERSENTENCIAIS	48
4.1. Relações de simetria e assimetria	
entre o segmento matriz e o segmento parafrástico	49
4.1.1. SNs parafrásticos simétricos	50
4.1.2. SNs parafrásticos assimétricos	52
4.1.2.1. SNs parafrásticos menores do que a matriz	52
4.1.2.1.1. SNs parafrásticos assimétricos resumitivos	53
4.1.2.1.2. SNs parafrásticos assimétricos denominativos	54
4.1.2.2. SNs parafrásticos maiores do que a matriz	55
4.2. Relações semânticas dos SNs	56
4.2.1. SNs parafrásticos referenciais	57
4.2.1.1. Anafóricos	57
4.2.1.2. Catafóricos	58
4.2.1.3. Anafóricos e catafóricos	61
4.2.2. SNs parafrásticos inferenciais	62
4.2.3. SNs parafrásticos referenciais e inferenciais	64
CAPÍTULO 5: TIPOLOGIA DE SNs PARAFRÁSTICOS	66
5.1. Nível morfológico	66
5.2. Nível semântico-lexical	69
5.2.1. Dimensão semântico-pragmática	73
5.3. Nível metalingüístico	77
CAPÍTULO 6: ESTRUTURA TEMÁTICA DOS SNs PARAFRÁSTICOS	79
CONCLUSÃO	93
1. Um mecanismo constitutivo e ampliador do texto	95
2. Um mecanismo de re-criação dos sentidos	96
3. Um mecanismo paradoxal	97

4. Um mecanismo enunciativo	viii 98
5. Um mecanismo coesivo	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101

ÍNDICE DE FIGURAS E GRÁFICOS

ix

<i>Figura 1</i>	8
<i>Figura 2</i>	10
<i>Gráfico 1</i>	42
<i>Gráfico 2</i>	51
<i>Gráfico 3</i>	52
<i>Gráfico 4</i>	84
<i>Gráfico 5</i>	87
<i>Gráfico 6</i>	88
<i>Gráfico 7</i>	91
<i>Quadro 1</i>	91

INTRODUÇÃO

O presente trabalho diz respeito ao estudo de um tipo especial de grupos nominais (SNs) do Português, que estabelecem reformulações de natureza parafrástica com relação a alguma informação mencionada no texto e com a qual mantêm equivalência semântica. A partir da descrição do funcionamento desses grupos nominais, pretende-se mostrar que os mesmos constituem recursos de coesão textual¹: são elementos do sistema léxico-gramatical, que têm como núcleo um nome, acompanhado, na maioria das vezes, de um especificador (artigo, demonstrativo, possessivo, quantificador, etc.) e que estabelecem laços sintático-semânticos com algum outro elemento do universo textual. A análise do funcionamento dos SNs parafrásticos busca revelar que os mesmos atuam como um mecanismo coesivo na construção da textualidade, que pode ser identificado ou representado segundo duas modalidades de coesão²: a coesão referencial e a coesão seqüencial.

No que diz respeito à modalidade da coesão referencial, os SNs funcionam como formas referenciais que fazem remissão a um segmento matriz (referente) do universo textual com o qual se relacionam. Assim, a relação parafrástica será considerada como um recurso de coesão, pois assegura uma ligação significativa entre elementos que ocorrem na superfície textual, através de relações de

¹ Haliday & Hasan (1976), em obra clássica sobre coesão textual, apresentam esse conceito em termos de relações de sentidos existentes no interior do texto e que o definem como um texto. Segundo esses autores, a coesão ocorre quando a interpretação de algum elemento linguístico é dependente da de outro; um pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro.

² A respeito das duas modalidades de coesão textual, ver Koch: 1989.

referência, ou remissão.

Quanto à coesão seqüencial, os SNs parafrásticos atuam como um procedimento lingüístico de seqüenciação no texto, por meio do qual se estabelecem relações semânticas e/ou pragmáticas, que permitem a progressão textual³, com recorrência de conteúdo semântico. Desse modo, os elementos que estabelecem a relação parafrástica - a matriz e o SN parafrástico, apresentam-se interdependentes para sua compreensão. Essa relação parafrástica será considerada, portanto, como um processo lingüístico de seqüenciação, seqüenciação esta também denominada **conectividade seqüencial** ou **coesão** ⁴. Nesse sentido, a conectividade é uma das propriedades que a linguagem humana deve possuir para ser um texto, entre outras, como: intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, intertextualidade, informatividade (cf. M. Mateus et al., 1989:136). A este conjunto de propriedades dá-se o nome de **textualidade**, sendo possível inferi-las da própria definição de texto: "um objeto materializado numa dada língua natural, produzido numa situação concreta e pressupondo os participantes locutor e alocutário, fabricado pelo locutor por seleção sobre tudo o que, nessa situação concreta, é dizível para (e por) esse locutor a um determinado alocutário" (M. Mateus et al., op. cit., p. 134).

Dessa forma, os SNs a serem examinados mostram importância vital no modo como se opera a organização do assunto, no interior do texto, o que corrobora sua função organizacional, na medida em que garantem, através das paráfrases, não apenas a unidade ou reiteração temática desse assunto, mas também a sua continuidade. Por isso, a relação parafrástica estabelecida pelos SNs pode ser entendida como

³ Castilho (1988) observa dois aspectos da progressão textual: a "rematização frástica" e a "rematização parafrástica".

⁴ Com relação ao outro aspecto da conectividade - a coerência, ver M. Mateus et al., 1989:146.

uma atividade de organização textual⁵.

No capítulo 1 deste trabalho, é feita uma descrição dos grupos nominais, quanto à sua estrutura (1.1), e, em seguida, é conceituado o fenômeno parafrástico (1.2), através de alguns modelos de abordagem lingüística da paráfrase, inserindo-se os SNs nesse fenômeno. Em 1.2.2, é apresentada uma caracterização dos SNs a nível das relações da referência, de modo a extrair dois sub-tipos de paráfrase, a partir das relações semânticas dos SNs: a paráfrase referencial e a paráfrase inferencial (essa abordagem será retomada no capítulo 4, como veremos mais adiante).

Os SNs parafrásticos são examinados tanto na língua escrita como na língua falada. Consideraremos, então, como objeto de análise, a atividade lingüística que diz respeito ao parafraseamento veiculado por SNs nessas duas modalidades da língua. Para a língua escrita, foram selecionados artigos de debates, reportagens e editoriais, publicados na FOLHA de SÃO PAULO e na revista VEJA, e, para a língua falada, foram escolhidas as EFs (elocuções formais), os D2s (diálogos entre dois informantes), os DIDs (diálogos entre informante e documentador), constantes do Projeto NURC - Norma Urbana Lingüística Culta (org. Castilho & Preti)⁶.

A descrição da estrutura interna do sintagma nominal feita no capítulo 1 vem mostrar que o SN inclui como constituintes um núcleo, obrigatoriamente, e, opcionalmente,

⁵ Antos (1982) destaca a atividade de parafrasear como uma "atividade de organização textual", entre outras atividades, que também têm essa função organizacional: esclarecer, explicar, exemplificar, fundamentar, resumir, recapitular, etc.

⁶ Os textos dos inquéritos são aqui transcritos segundo a forma como se apresentam originalmente, e tendo em vista que se destinam especificamente à análise lingüística. Conforme norma estabelecida pelo Projeto NURC, nenhum inquérito deveria ser identificado nas gravações em fita ou na sua publicação. Da mesma forma, nenhum inquérito foi submetido a revisão pelos informantes, de modo que se mantivesse sua autenticidade de documento falado. Em apêndice ao capítulo 1, transcrevemos as normas adotadas por esse Projeto.

4
outros dois tipos de constituintes: complementos e especificadores. Assim, a análise dos SNs parafrásticos foi motivada pelo propósito de se observar quais elementos ou constituintes do SN poderiam ser parafraseados. Portanto, propomos uma análise que, partindo da descrição sintática dos SNs, busca identificar os elementos parafraseados no interior desse sintagma, através de três etapas que, por questões metodológicas, fazem o seguinte percurso, nos capítulos 2, 3 e 4, respectivamente:

- reconhecimento da paráfrase em constituintes de um SN que tem como matriz um outro SN, que o antecede. Neste caso, tanto o núcleo quanto o complementador (em especial, quando este for um sintagma adjetival - SADJ) podem ser parafraseados;

- reconhecimento da paráfrase em constituintes de um SN que está, por sua vez, relacionado a um outro SN, em uma mesma sentença em que há um fator de condicionamento sintático: construções com o verbo "ser" equativo e construções com o SN parafrástico na função de aposto;

- reconhecimento da paráfrase em constituintes de SN que retomam SNs de sentenças diferentes. Nesta etapa, como poderá ser observado no capítulo 4, as paráfrases são analisadas como:

(i) um processo do sistema semântico, exemplificadas pelas relações de anáfora e catáfora;

(ii) um fenômeno a nível do sistema sintático, em que os SNs parafrásticos apresentam-se em diferentes graus de complexidade sintática, em relação à estrutura da matriz. Trata-se de ocorrências de SNs formados por um número mínimo de elementos até a possibilidade de um "SN máximo", formado por uma seqüência mais longa de termos, tais que todos tenham comportamento sintático claramente diferente (Perini,

1989:148), em que são observadas quantificações e 5
qualificações expressas pelas respectivas classes que têm a
função de delimitar o N.

A partir do corpus selecionado para a análise, será observado que os SNs apresentam, em relação à matriz, um caráter reformulador, que resulta em elaboração de natureza morfológica (nominalizações, por exemplo), bem como em relações de abrangência semântica e/ou pragmática, definidas pelo léxico (relações lexicais como hiponímia e hiperonímia, por exemplo), o que nos levou a esboçar um tipologia de SNs reformuladores, como será apresentada no capítulo 5.

Finalmente, no capítulo 6, propomos uma análise dos SNs quanto à sua estrutura temática, baseando-nos numa perspectiva funcionalista, tendo em vista que os SNs articulam, através das categorias **tema** e **rema**, a progressão temática no interior do texto.

CAPÍTULO 1: O GRUPO NOMINAL E A PARÁFRASE

1.1. O grupo nominal: categoria sintática e descrição da sua estrutura

Por se tratar este trabalho de uma análise voltada para os grupos nominais e a paráfrase, fazemos um recorte do N, dentre as principais categorias lexicais do Português - N(ome), V(erbo), ADJ(etivo), ADV(érbio), PREP(osição), enquanto categoria sintática. Será observado que o N pode ser constituinte principal de uma construção formada por seqüências de itens lexicais, denominada categoria sintagmática. Dessa forma, o sintagma nominal (SN) é uma projeção da categoria lexical N que constiui o seu núcleo.

A respeito da estrutura interna do sintagma nominal, Mira Mateus et alii (1989:184-198) consideram que o SN inclui necessariamente um núcleo (nomes e pronomes) e opcionalmente dois tipos de constituintes: especificadores (determinantes, quantificadores e expressões qualitativas) e complementos (sintagmas adjetivais, sintagmas preposicionais, frases relativas e epítetos), o que pode ser representado através do seguinte formato:

$SN = (Esp.) + N + (Compl.)$, onde N = núcleo
------------------------------	-------------------

A título de exemplo, as construções abaixo entre colchetes mostram projeções máximas da categoria lexical N, "suco", que apresentam a mesma natureza categorial do N:

- (a) Eu quis beber [SN *suco*] (1)
 [SN *suco de goiaba*] (2)
 [SN *este gosotoso suco (de goiaba)*] (3)

A partir dos exemplos em (a), vemos que um SN pode ser constituído exclusivamente pelo núcleo (1), pelo núcleo e por complementos do núcleo, isto é, pelos constituintes subcategorizados por esse núcleo (2), e pelo núcleo precedido de elementos na posição de especificador (3). A relação entre núcleo e complementos permite articular "dois tipos de propriedades cruciais na descrição sintática: propriedades de natureza **configuracional** (constituição, posição estrutural relativa dos vários constituintes numa construção) e de natureza **dependencial** (decorrentes, no essencial, da estrutura argumental dos itens lexicais)" (Mateus, 1989:177).

Contudo, importa dizer que não está nos limites deste estudo examinar exaustivamente a estrutura interna do SN parafrástico, fazendo, com isso, uma micro-segmentação extensa e descritiva das classes aí compreendidas.

Assim, a análise da configuração sintática dos SNs focaliza, em especial, a sua complexidade sintático-lexical, que pode resultar, com relação à matriz, num paralelismo morfossintático (4.1.1) ou, então, numa assimetria sintática (4.1.2).

Quanto à estrutura argumental dos SNs, pode-se observar, a partir da análise, que alguns SNs estabelecem a

relação parafrástica com um ou mais SNs, dependentes (no ⁸ sentido de que são ligados a uma categoria de regência) do verbo, como ocorre no exemplo (4), à p. 23:

"(...) todo mundo ali à beira da calçada
tomando seu chopes tomando sua cerveja",

cuja estrutura sintática (parcial)⁷ pode ser visualizada, de modo simplificado, a partir dos constituintes do sintagma verbal (SV):

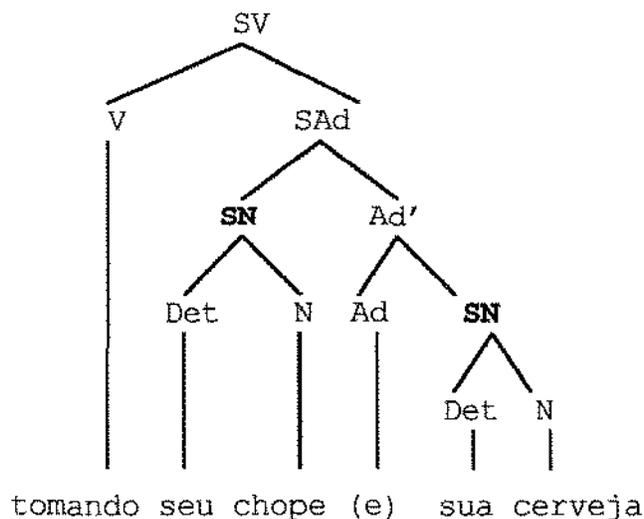


Figura 1.

A estrutura sintática exemplificada acima mostra

⁷ A configuração sintática apresentada está baseada na Teoria X' e no princípio da endocentricidade, que diz que todo sintagma tem um núcleo do mesmo tipo. Sobre este assunto, ver Lobato (1986), que propõe uma aplicação para o português da Teoria de Chomsky (1981).

que os SNs em **negrito** estão em relação parafrástica, funcionando como complementos do verbo "tomar". Nesta configuração, é representado um sintagma do tipo aditivo, encabeçado pela conjunção (elíptica) aditiva e, que poderia ser resultante de uma interpretação semântica de todo o sintagma verbal: "tomando seu chope e tomando sua cerveja".

Já algumas outras ocorrências de SNs em relação parafrástica mostram os mesmos ligados, por exemplo, ao verbo, via um outro SN também dependente do verbo. A título de exemplo, observa-se o dado (18b) (retomado à p. 33):

"(...) fomos até Los Angeles de carro então
(fizemos) uma viagem descontraída sem...
compromisso ou sem horários definidos (...)"

Neste caso, a paráfrase ocorre nos complementos do núcleo "viagem", encabeçados por um sintagma adjetival (SAdj) e por dois sintagmas preposicionais (SPreps), e não no núcleo do SN. É o que pode ser observado pela representação da seguinte estrutura:

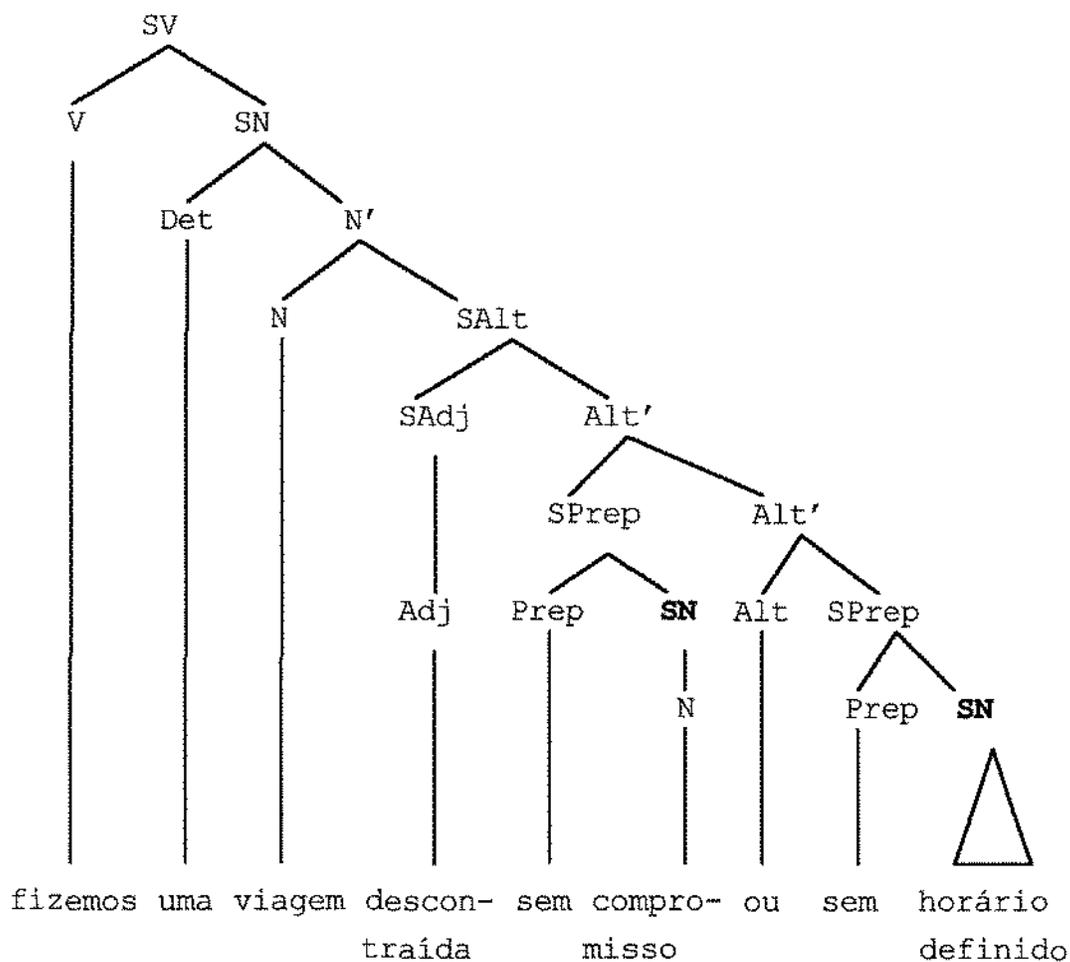


Figura 2.

A partir da configuração sintática acima, observa-se que os SNs em relação parafrástica (transcritos em **negrito**) integram os complementos representados pelos SPREPs "sem compromisso" e "sem horário definido", que têm como matriz um outro SN, dependente do verbo, a saber, "uma viagem descontraída", cujo complemento adjetival ("descontraída") está sendo parafraseado. Em tal configuração, é representado o sintagma alternativo (SAlt), encabeçado pela conjunção ou.

1.2. Os SNs e sua relação com a paráfrase

1.2.1. A paráfrase: delimitação teórica

A escolha do corpus de dados destinada a objeto de estudo, neste trabalho, está vinculada à natureza da análise que propomos a respeito dos SNs como elementos que estabelecem relações parafrásticas. Assim, conforme o propósito da análise, esta escolha vincula-se, por sua vez, a uma definição da perspectiva teórica que estamos adotando, em especial no que se refere ao fenômeno parafrástico. Para tanto, são feitas, a seguir, considerações no tocante ao conceito de paráfrase que norteia algumas teorias da linguagem.

Alguns trabalhos lingüísticos podem ser agrupados em três abordagens sobre a paráfrase⁸:

(i) **sinonímia-identidade**: explicaria a paráfrase como a correspondência entre um sentido e várias formas, por exemplo: paráfrase léxico-sintática em frases com verbos "converso-complementares", como "comprar/vender"; verbos causativos e factitivos, como "amolecer/ficar mole", etc. (cf. C. Fuchs e P. Le Goffic, 1983:110). A um procedimento formal e técnico, por exemplo, caberia assegurar a correspondência entre dois níveis de análise: o superficial, que diz respeito à forma das frases, e o profundo, relacionado à representação do sentido. Nesta perspectiva, o estudo das relações entre sentenças está baseado na noção de

⁸ Serrani (1991:59) faz uma descrição detalhada das diversas abordagens da paráfrase nas teorias da linguagem.

transformação, desenvolvida como técnica de análise no escopo da Gramática Gerativo-Transformacional, bem como nas abordagens subsidiárias dessa teoria (a Semântica Gerativa, cf. G. Lakoff, 1971; ou ainda, a Teoria dos Casos, cf. C. J. Fillmore, 1977).

(ii) **não-sinonímia**: segundo essa perspectiva, duas formas diferentes têm necessariamente um sentido lingüístico diferente e, portanto, são não-sinônimas. Este enfoque leva até o limite a biunivocidade total entre o plano do significante e o do significado (encontrada, por exemplo, nos estudos das primeiras tendências do Estruturalismo na Lingüística, filiados ao Saussure da teoria do signo).

Segundo Fuchs e P. Le Goffic (1983:124), as duas perspectivas acima recorrem ao sistema lingüístico fechado em si mesmo, sem quaisquer relações com o extra-lingüístico.

(iii) **sinonímia-equivalência**: perspectiva esta inserida nos estudos que distinguem níveis diversos de análise semântica, como os estudos da Lingüística da Enunciação. Segundo Fuchs (1988:158), a abordagem lingüística da paráfrase não deve apontar para um tratamento puramente sintático-lexical, mas considerar, também, as condições de enunciação. Mesmo porque, segundo a autora, as operações que permitem caracterizar as paráfrases em termos de modificações sintático-lexicais revelam-se à luz de estratégias enunciativas. Essa abordagem de paráfrase leva em conta diferenças de tematização, sendo que as sentenças são passíveis de serem descritas conforme um mesmo esquema proposicional (cf. Fuchs e P. Le Goffic, 1983). Ou ainda, segundo esta perspectiva, a paráfrase é estudada em trabalhos sobre a organização lingüística da relação predicativa e sobre as operações de referenciação (cf. Benveniste, 1966).

Em nosso trabalho, focalizamos, especialmente, a terceira abordagem, também denominada "paráfrase contextual" (cf. Ungeheuer, 1969), que se dá no próprio con-texto de comunicação, seja oral ou escrito, visando, em última instância, à redefinição de sentidos, gradualmente equivalentes, de modo a explicitá-los ou precisá-los de forma diferente. É importante ressaltar que estamos considerando que a paráfrase não somente se refere a uma equivalência semântica em maior ou menor grau, mas também promove a reconstrução de significados, na medida em que ao retomar um conteúdo o recria, de certa forma, na seqüenciação do texto. O que equivale a considerar que uma mudança na forma pode acarretar uma mudança no conteúdo. Portanto, esta perspectiva mostra a evidência da inadequação da concepção tradicional da paráfrase (bem como da sinonímia) como "conservação do fundo, do conteúdo, do significado, e alteração da forma, da expressão, do significante", se considerarmos que cada reformulação modifica o conteúdo (cf. Fuchs: 1982).

Devemos, ainda, destacar que o termo paráfrase, aqui utilizado, implicitamente engloba, também, o conceito de parafraseamento e relação parafrástica. Em linhas gerais, como observamos acima, entendemos que a paráfrase estabelece uma relação de equivalência semântica, em maior ou menor grau, entre um segmento anterior (matriz) e um outro segmento (a própria paráfrase). Ou seja, dois segmentos lingüísticos estão numa relação parafrástica um com o outro, quando o segundo retoma, em parte ou no todo, o que já foi dito no primeiro (Wenzel, 1981, apud Hilgert, 1989).

Chamaremos o primeiro segmento de matriz (que será transcrito em *itálico*) ou segmento parafraseado e, ao segundo, de paráfrase (transcrito em **itálico negrito**), propriamente dita, ou SN parafrástico. Relação parafrástica é,

pois, a relação de equivalência semântica entre tais segmentos lingüísticos e paráfraseamento é, por sua vez, a ação de paráfrasear. Contudo, em alguns momentos da análise (por exemplo, em 4.2.2), estudamos os SNs cuja matriz não se focalizava em um outro SN específico e sim num enunciado mais amplo, incidindo sobre o contexto lingüístico. Por isso, devemos destacar, neste ponto, que, na verdade, nossa intenção maior está em observar o papel do SN em que ocorre a paráfrase propriamente dita, ou seja, o SN que estamos chamando de "parafrástico", e não em possíveis SNs que aparecem na posição de matriz.

Propomos, neste trabalho, uma abordagem da paráfrase desencadeada nos SNs, enquanto recurso ou procedimento de constituição da linguagem, por se tratar de uma atividade de reformulação textual, atividade esta que, até certo ponto contraditória, se faz com a manutenção de regularidades semânticas. Desse modo, a abordagem dos SNs não se esgota num tratamento puramente sintático-lexical dos elementos envolvidos na relação parafrástica, mas considera a função semântico-pragmática desses SNs, incluindo-se aí a perspectiva da coesão textual, de modo a revelar, por exemplo, as operações referenciais a nível do texto, a progressão textual, as escolhas temáticas dos interlocutores envolvidos em cada contexto comunicativo, levando à sua intercompreensão⁹. Assim, nosso trabalho não visa adotar a metodologia de um sintaticista, visando a uma análise exaustiva das estruturas subjacentes às expressões lingüísticas e à identificação de suas funções sintáticas, e

⁹ Referindo-se às atividades de formulação de textos conversacionais, Hilgert (1989:128) observa que tais atividades são procedimentos (incluindo-se aí a paráfrase) a que recorrem os interlocutores para assegurar a intercompreensão dos enunciados por meio dos quais realizam suas intenções comunicativas, conduzidos pelas determinações da progressão interacional.

nem à metodologia de um lexicógrafo, cujo trabalho tem como um dos objetivos verificar o valor ou o significado que as unidades lexicais apresentam no sistema lingüístico, de modo a extrair propriedades generalizadas para o significado lexical. Ou seja, nosso objetivo não consiste em apresentar, como faria o lexicógrafo¹⁰, as unidades lexicais e lidar com todas as funções que elas são capazes de realizar, como unidades individuais numa sentença, não importando se essas funções são designativas, pragmáticas, emotivas, operativas ou gramaticais.

1.2.2. Paráfrase referencial e paráfrase inferencial

Do ponto de vista semântico, o nome (N) é a classe de palavras caracterizada, por excelência, por sua função de designação. A esse propósito, Mira Mateus et al. (op.cit:70) observam que "Os nominais são categorias lingüísticas caracterizáveis semanticamente por terem um potencial de referência, isto é, por serem, em geral, utilizados numa situação concreta de comunicação, com uma função designatória ou de nomeação".

Nesta perspectiva, o processo referencial está voltado para o estudo das significações, entendido enquanto designação das expressões e suas predicções, no sentido de representação, propriamente dita, de sentidos, o que resultaria numa espécie de "semântica léxica".

Numa outra perspectiva, que é a que norteia esse trabalho, pode-se dizer que o processo referencial diz respeito à retomada (do latim, "refero", no sentido de

¹⁰ Sobre o trabalho do lexicógrafo e o significado lexical, ver Zgusta, L.: 1971.

"retomo") de sentidos, uma vez que os elementos de referência, no caso, os SNs parafrásticos, fazem remissão a outros elementos do universo lingüístico, necessários à sua interpretação. Trata-se, portanto, de paráfrase referencial. Nessa perspectiva, o fato de um termo ter referência não é uma questão da existência de uma entidade no mundo real, e sim da existência de uma entidade num universo do discurso (Givón, 1984, apud Bastos, 1993:55).

É importante destacar que estamos considerando o termo "referência" como um mecanismo de coesão, entre outros mecanismos - substituição, elipse, conjunção - e que se dá no texto e não fora do mesmo. Ou seja, os SNs em estudo serão considerados elementos de coesão referencial, na medida em que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, mas sim por remissão a outro(s) elemento(s) do universo textual. A "referência" de que trato aqui é, conforme os conceitos de Halliday & Hasan (1976), textual, ou endofórica, e não extra-textual, ou exofórica.

O que propomos, neste trabalho, através da categorização dos SNs enquanto formas referenciais, é inserir dentro desse mecanismo de coesão que é a referência também os grupos nominais, além dos elementos coesivos já considerados por esses autores (Halliday & Hasan, cf. op. cit.): pronomes pessoais e possessivos (referência pessoal), pronomes demonstrativos e advérbios de lugar (referência demonstrativa) e alguns adjetivos ("igual", "semelhante", "diferente", etc.) indicativos de identidades e similaridades (referência comparativa).

Cabe lembrar, neste ponto, a questão de que nem sempre a referência se estabelece sem ambigüidade, sendo que a decisão do leitor ou ouvinte para a escolha de referentes potenciais para uma determinada forma remissiva terá de se basear, muitas vezes, nas predicções feitas sobre a mesma,

levando em conta todo o contexto em que está inserida (cf. Koch, 1989:48). Kallmeyer et al. (1974) propõem a "Teoria da Referência Mediatizada" para caracterizar a função mediadora da forma referencial em relação a outros elementos linguísticos do texto. Esses autores discutem que a relação de referência não é necessariamente uma relação que implica em existência de identidade de referência entre a forma referencial e o seu referente textual. O dado a seguir exemplifica esta questão de não-identidade de referência:

O tênis do meu irmão menor está limpo e novinho. O meu está sujo e furado.

Podemos dizer, com base no exemplo, que não existe co-referencialidade entre o SN matriz "o tênis do meu irmão menor" e a forma referencial "o meu". Isto porque tal forma seleciona do grupo nominal apenas o elemento de referência "tênis". Ou seja, não se verifica uma identidade de referência entre todo o grupo nominal e a forma referencial.

Um outro exemplo de não-identidade de referência pode ser observado em (34) (que aparece, também, à p. 53):

(34) A pneumonia e a diarreia matarão, nos próximos anos, cerca de 30 milhões de crianças nos países do Terceiro Mundo. **O dado** faz parte de relatório apresentado ontem pela OMS (...)

FSP.

A partir do exemplo, verifica-se que o SN "o dado" não faz remissão a um elemento particular do texto, mas sim ao contexto que o antecede. Tal exemplo demonstra, pois, que, ao se tratar de referência, devem ser levados em conta,

também, os contextos em que a forma referencial está inserida.

Da observação de que algumas ocorrências dos SNs referenciais não remetem a nenhum elemento particular do texto, uma vez que não há nenhuma marca sintática que possa ser identificada como o referente, resultou a constatação de que em alguns casos há um movimento semântico do tipo inferencial: o referente, ou a formulação de um pseudo-referente, resulta de uma inferência por parte do interlocutor - leitor ou ouvinte - desse texto. Assim, propomos, também, uma abordagem da paráfrase no aspecto inferencial, tendo em vista que, muitas vezes, as formas referenciais, em geral, e os SNs parafrásticos, em particular, fazem com que seus referentes sejam inferidos do contexto lingüístico, como um todo.

A respeito do fenômeno da referência de certas expressões lingüísticas, cabe lembrar que abordagens de natureza cognitiva destacam o papel do conhecimento dos falantes na identificação dos referentes dessas expressões: tais referentes são descritos a partir de categorias dos esquemas de conhecimento dos falantes, ou como modelos de representações mentais, que envolvem uma dimensão subjetiva. Para van Dijk (1985, 1987), tais modelos constituem a base para interpretação das expressões referenciais.

Tratando-se de paráfrase, cujo conceito aponta para uma relação de equivalência semântica, em maior ou menor grau, entre o SN (a própria paráfrase) e um outro segmento con-textual (explícito ou inferido), considerarei tal equivalência, portanto, sob dois aspectos do sistema semântico: (1) equivalência referencial e (2) equivalência inferencial, como poderá ser observado de modo mais específico no capítulo 4 deste trabalho.

APÊNDICE

NORMAS DE TRANSCRIÇÃO DO PROJETO NURC

A seguir, arrolamos os sinais de transcrição que aparecerão em nossos exemplos da análise, respectivamente aos tipos de ocorrências encontradas. Ressaltamos que foram mantidas as normas para transcrição, inclusive os exemplos¹¹, utilizados no material organizado pela equipe do Projeto NURC/SP, intitulado "A linguagem falada culta na cidade de São Paulo", e organizado sob a coordenação dos professores Ataliba Teixeira de Castilho, Dino Preti e Hudinilson Urbano e publicado com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

OBSERVAÇÕES:

1. Serão transcritos os fáticos : ah, eh, eh, ahn, ehn, uhn, tá.
2. Não é grafado o ponto de exclamação (frase exclamativa).
3. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh::... (alongamento e pausa).
4. Não se utilizam sinais de pausa, típico da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.

¹¹ As ocorrências, os sinais de transcrição e os exemplos que aparecem no quadro a seguir foram retirados dos inquéritos NURC/SP EF 338 e D2 331.

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda... () nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entoação fática	maiúsculas	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal ou consoante	::podendo aumentar para::: ou mais	ao emprestarem os... éh:::... o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-as-ção
Interrogação	?	e o Banco... Cen- tral... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático	-- --	... a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- de- manda de moeda por motivo

CAPÍTULO 2: PARÁFRASES INTRA-SINTAGMÁTICAS

A nível do sintagma nominal, observamos que tanto o seu núcleo quanto o complementador podem ser parafraseados. Nesse caso, em que a mesma estrutura sintagmática for parafraseada por um novo SN, consideraremos a ocorrência da paráfrase dentro do sintagma.

Segundo Mateus et al. (1989:176), as categorias sintagmáticas têm como núcleo - i.e., como constituinte principal - uma categoria lexical; em outras palavras, uma categoria sintagmática é uma projeção da categoria lexical que constitui o seu núcleo. São consideradas como categorias sintáticas principais as seguintes categorias lexicais: (i) N(ome); (ii) V(erbo); (iii) ADJ(ectivo); (iv) ADV(érbio); (v) PREP(osição).

Neste trabalho, as ocorrências parafrásticas encerram categorias sintagmáticas de natureza nominal (SNs), adjetival (SADJs) e preposicional (SPREPs). Dentro do sintagma, consideraremos dois sub-tipos parafrásticos, a saber:

- (i) paráfrase do núcleo, representado este pelo substantivo do sintagma nominal;
- (ii) paráfrase do complementador, que constitui os complementos desse núcleo, tais como, os adjetivos (SADJs), as orações adjetivas relativas, os sintagmas preposicionados (SPs) e epítetos (tradicionalmente, denominados "apostos" e "frases apositivas" ou "explicativas", expressos por SNs, SADJs e frases relativas).

adverbial, representada pelo nome "covas".

(3) (...) eu tenho notado diferença por exemplo aquele teatro que tem lá na Rua dos Ingleses... que passou essa peça **essa comédia** que nós comentamos eu tenho a impressão que lá é mais assim ah não tem *tanto preparo* **tanto** é:: **tanta encenação** (...).

NURC/SP DID 234:230-234.

Observa-se, neste exemplo, que os SNs "essa comédia" e "tanta encenação" constituem paráfrases do núcleo dos sintagmas a que se referem, respectivamente, "essa peça" e "tanto preparo".

(4) (...) todo mundo ali à beira da calçada tomando *seu chopes* tomando **sua cerveja** (...).

DID/SP DID 137:618-61.

Neste exemplo, podemos interpretar que, ao dizer "seu chopes", o falante fez uma autocorreção¹², que resultou no SN parafrástico "sua cerveja", mostrando, assim, uma retificação na sua própria fala, visando a uma redefinição de sentido: as pessoas, na verdade, tomavam cerveja, e não chope. Nesta interpretação, poderíamos dizer que a autocorreção representa uma função específica da paráfrase, por se tratar de uma formulação mais precisa do termo em questão ("cerveja"), que o retifica ("chope"), visando a resolver problemas virtuais de compreensão. Este exemplo revela, portanto, um caso em que o efeito da paráfrase pode ser interpretado como uma relação semântica que apresenta uma

¹² A questão da dificuldade da delimitação entre a paráfrase e a correção é discutida em Gulich e Kotschi (1987a:224).

dupla face: partindo de uma equivalência de sentido entre os termos parafraseados, revela, também, uma relação de contraste entre os mesmos.

Por outro lado, o mesmo enunciado poderia ser interpretado do seguinte modo: havia pessoas, à beira da calçada, que tomavam chope e havia, também, pessoas que tomavam cerveja. Nesta segunda interpretação, o falante está, simultaneamente, se referindo a duas bebidas diferentes, ainda que o modo de dizê-las aponte uma relação de equivalência de sentido. A configuração sintática desta interpretação pode ser visualizada em 1.1., à p. 8.

2.2. Paráfrase do complementador

Na paráfrase intra-sintagmática, pode-se observar que não é somente o núcleo do SN que pode ser parafraseado, mas também os complementos que o seguem. Na função de complemento do nominal encontram-se, conforme apontam Mira Mateus et al. (1989:185): sintagmas adjetivais (SADJs), sintagmas preposicionais (SPREPs), frases relativas e epítetos.

2.2.1. O complementador é um SADJ

O sintagma adjetival (SADJ)¹³ é constituído por um adjetivo como núcleo (2.2.1.1), e opcionalmente por complementos (sintagmas preposicionais - SPREPs, e frases

¹³ Sobre a estrutura interna do sintagma adjetival, ver Mira

finitas e não finitas, como será ilustrado em 2.2.1.2) e especificadores (representados por elementos que quantificam o núcleo, como artigos e dêiticos em expressões qualitativas e nos epítetos: 2.2.1.3). Observemos, pois, algumas ocorrências de SNs em que a paráfrase encontra-se nos constituintes que ocupam a posição de complemento do núcleo (N) de um SN.

2.2.1.1. SADJ como núcleo:

(5) " (...) ela disse... "escute uma coisa por favor me diga... a Maria morreu?..."
eu achei esta frase uma coisa *comovente* **maravilhosa** quer dizer o Brasil inteiro estava vendo... pensando ao mesmo tempo ((rindo))..."

NURC/SP D2 333:429-434.

Neste exemplo, a predicação que se faz sobre a segunda ocorrência de "uma coisa" (que, por sua vez, é uma paráfrase de sentido genérico do SN que a antecede, "esta frase") realiza-se por meio de uma sinonímia por equivalência dos adjetivos "comovente" (matriz) e "maravilhosa" (paráfrase).

Com relação à paráfrase contida no complementador do SN, não poderíamos aceitar que "(coisa) maravilhosa" significa exatamente "coisa comovente", não se tratando, portanto, de uma mera repetição de conteúdo. Esta observação aplica-se igualmente para o exemplo (13), à p. 29, no qual percebemos que entre "viagem mais lenta" e "(viagem) mais saborosa" ou "(viagem) mais aproveitada" há nuances de sentido diferentes. É válido lembrar, neste ponto, a seguinte

consideração que Fuchs (1982:29-30) faz sobre a paráfrase: "le sens du texte-source décodé, re-construit par le sujet n'est jamais reproduit identique, mais toujours re-re-construit".

Assim, é importante considerarmos o fato de que, através das paráfrases, acabamos por dizer não somente o "mesmo", mas também, o "diferente", uma "outra coisa". Trata-se, na verdade, do próprio funcionamento parafrástico, revelando a tensão entre o "mesmo" e o "outro", tanto no plano da forma, quanto no plano do sentido, ou, de maneira mais ampla, no plano da significação.

(6) olha... o:: paulista é *frio* é **gelado**... mas
é **gelado** mesmo (...)

NURC/SP 161:429-430.

O SAdj "frio", constituído apenas por esse núcleo, é parafraseado por um outro adjetivo de sentido equivalente, "gelado". Nesta primeira recorrência, o adjetivo "gelado" é o único constituinte desse SAdj com função predicativa, ao passo que na segunda, esse núcleo tem como complemento o advérbio "mesmo", reforçando, de modo afirmativo, a predicação que é feita a respeito do paulista.

Em certos casos, o SN constituído pelo N e pelo ADJ adquire significado diferente conforme a ordem em que ocorrem os dois constituintes:

(7) Esta é uma família pobre.
Esta é uma pobre família.

2.2.1.2. SADJ com complementos

a) sintagmas preposicionais (SPREP):

(8) O filho *aborrecido*, **entristecido** com a
atitude da mãe, saiu de casa.

Em (8), o SPREP sublinhado introduz, por meio da preposição "com" um novo argumento no SADJ "entristecido", que é uma paráfrase do adjetivo "aborrecido" que o antecede, funcionando esses dois adjetivos, por sua vez, como complementos do SN "o filho". Vemos, portanto, que a paráfrase ocorre nos complementos SADJ que seguem este SN.

b) frases finitas:

(9) Esta é uma tarefa *difícil*, **complicada** para
você entender.

Aqui, o que se observa é uma paráfrase dos adjetivos-complementadores do SN "uma tarefa", a saber, "difícil" e "complicada", seguida de uma frase finita.

c) frases não finitas:

(10) Você fez uma letra *impossível*, **difícil** de
ler.

Também observamos neste exemplo a ocorrência de paráfrase nos complementos do SN "uma letra", através da equivalência de sentidos dos adjetivos "impossível" e "difícil", sendo este último complementado por uma frase

infinita, acima sublinhada.

2.2.1.3. SADJ com especificadores

a) quantificadores:

(11) Crianças muito bem tratadas, **cuidadas** são privilegiadas.

Os advérbios "muito bem" funcionam como quantificadores (ou, numa outra terminologia: intensificadores) do adjetivo "tratadas", da mesma forma que o especificador "muito" e suas variantes (muitos, muita, muitas) quantificam o N. Neste exemplo, observa-se, também, a relação parafrástica entre os adjetivos "tratadas" e "cuidadas".

(12) (...) de maneira que eu suponho (...) que:: à medida que vai a distância aumentando vai naturalmente aumentando o preço da passagem em função disso a qualificação do tratamento que aí no caso acaba se tornando *muito boa* e ***muito produtiva...***

NURC/SP D2:74-80.

Como se observa, o adjetivo "boa" que constitui o núcleo do SADJ "muito boa" é parafraseado pelo adjetivo "produtiva", que veicula traços semânticos de certo modo equivalentes. Nestes dois SADJs, o especificador permanece o mesmo, representado pelo quantificador "muito", tendo apenas o adjetivo parafraseado.

Como complemento do núcleo do SN, o SADJ en-

contra-se, habitualmente, à sua direita, como podemos observar, no exemplo acima: os dois SADJs ("muito boa" e "muito produtiva") encontram-se à direita do núcleo "qualificação", do SN "a qualificação do tratamento", que está, por sua vez, servindo de antecedente do pronome relativo "que", na função sintática de sujeito. Parece-nos opcional, neste caso, a ordem de ocorrência dos SADJs (relacionada à função de "predicativo do sujeito"), seja antes ou depois do nome a que se referem:

(12)' (...) em função disso acaba se tornando **muito boa e muito produtiva** a qualificação do tratamento (...).

Da mesma forma, quando o SADJ inclui a quantificação denominada superlativo relativo, a sua colocação na frase pode anteceder ou seguir o N:

(12)'' Chegou **o mais bonito dos** meninos.

 Chegou o menino **mais bonito da classe**.

(13) (...) então... eu tenho a impressão que o homem se desumaniza um pouco por perder assim esse tipo de de viagem *mais lenta... mais saborosa... mais aproveitada* entende?

NURC/SP D2 255:310-313.

Encontramos, neste exemplo, os adjetivos-núcleo "saborosa" e "aproveitada" parafraseando, por sua vez, o núcleo do SADJ "lenta", sendo mantido o especificador "mais" (um quantificador) em todos os SADJs em questão.

(14) (...) está muito pior a cidade... está...

o aspecto dos prédios assim é *bem mais sujo... tudo acinzentado* né? (...) ali perto da Praça da Sé da Praça da Sé tudo esburacado por causa do metrô né?... achei *horrível... feio feio feio* (...).

NURC/SP 343:22-28.

No primeiro parafraseamento, o particípio passado "acinzentado" integra um SADJ, funcionando sintaticamente como adjetivo, e é precedido por um especificador que o quantifica; este SADJ tem a mesma função predicativa do SADJ parafraseado - "bem mais sujo", cujo núcleo é um adjetivo que é quantificado por dois especificadores, "bem" e "mais", retratando, assim, o aspecto dos prédios da cidade de São Paulo.

A segunda paráfrase, neste exemplo, faz-se pela repetição do adjetivo "feio", o que é na realidade um tipo especial de quantificação (máxima), que retoma o sentido do adjetivo "horrível", de modo a acentuá-lo, intensificando-o pela própria repetição.

b) artigos e dêiticos

- em expressões qualitativas:

(15) O estúpido do rapaz quebrou o vidro da janela.

(16) Esta cretina desta mulher brigou de novo com os filhos.

As expressões qualitativas têm a estrutura [DET + ADJ/N + de] e admitem artigos (15) e demonstrativos (16) na posição de DET e podem ser seguidas de artigos e/ou dêiticos,

como verificamos nos exemplos acima.

Poderíamos fazer as seguintes equivalências semânticas dos adjetivos que integram as expressões qualitativas sublinhadas em (15) e (16):

(15)' O estúpido, o grosso do rapaz...

(16)' Esta cretina, a idiota desta mulher...

Como vemos, as expressões qualitativas podem ter o seu adjetivo parafraseado.

- nos epítetos:

Por definição, "certas expressões parentéticas, isoladas por pausas no interior do SN e colocadas à direita do núcleo, constituem os epítetos e integram-se nos complementos do nominal. Os epítetos podem ser SNs, SADJs e Fs (frases apositivas ou explicativas) (M. Mateus et al., 1989:188).

Os epítetos de que tratamos aqui são SADJ, complementos de SN, como se verifica em:

(17) O moleque, aquele safado, quebrou o vidro da janela.

O SADJ "aquele safado" integra-se no complemento do SN "o moleque", caracterizando-o. Poderíamos relacionar outros SDJs funcionando, por sua vez, como paráfrases deste epíteto SDJ em questão:

(17)' O moleque, **todo descuidado**, quebrou o vidro da janela.

(17)'' O moleque, **aquele cretino**, quebrou ...

Observamos que nestas três ocorrências, os SADJs destacados aparecem em seguida do SN a que se referem. No entanto, também poderiam aparecer em final de frase:

(17)''' O moleque quebrou o vidro da janela,
aquele safado!

2.2.2. O complementador é um SPREP

Sendo complemento do N, o sintagma preposicional (SPREP) ocorre à direita do núcleo do SN, podendo incluir SNs(18), orações não finitas(19) e finitas(20). A categoria nuclear do SPREP é a preposição ou locução prepositiva (quando constituída por mais do que uma palavra).

Devemos ressaltar, nesta parte, que, embora focalizemos os SPREPs para o exame das paráfrases, o que se nota é que os segmentos entre os quais há uma relação de paráfrase correspondem à categoria do nome, contida nesses sintagmas, e não à categoria da preposição que encabeça o SPREP.

A título de exemplo, observem-se as diferentes estruturas internas do SPREP, representadas pelos exemplos a seguir:

(18a) (...) senão o que nós temos é realmente um cemitério de homens é um caos... que é o que está nos mostrando a sociedade contemporânea... com essas guerras... **com essas lutas(...)**.

(18b) (...) fomos até Los Angeles de carro então uma viagem descontraída sem... *compromissos* ou **sem horários definidos** (...).

NURC/SP DID 137:200-203.

(18c) (...) o Ministro da Educação (e) da Cultura fazia... uma:: conferência sobre Teilhard de Chardin (...).

NURC/SP D2 333:321-323.

(18d) mas aquilo **sem ilustração sem coisíssima alguma** (...).

NURC/SP D2 333:323-324.

(19a) (...) mas é que daí eu terei tempo disponível para fazer coisas extras (...).

NURC/SP D2 360:1231-1232.

(19b) bom... em todos os:: três museus onde eu tive oportunidade de estar (...).

NURC/SP DID 137:144-145.

(20a) O homem *com quem você brigou, com o qual você discutiu*, acabou de sair.

(20b) (...) em matéria de ficção são os velhos filmes não é? que são () que nós vimos... onde predomina o mercado... *do que eu chamo do lixo... americano... do que já está caduco* (...).

NURC/SP D2 333:393-396.

Como se verifica em (18), os SPREPs são constituídos

por uma preposição e um SN. Funcionam como complemento de um SN que pode ter como núcleo um nome, em (18a), (18b) e (18c) ou um pronome, como em (18d). Com exceção da alínea (c), à primeira ocorrência de cada SPREP (que chamamos de matriz) segue-se um outro SPREP (parafrástico), com a manutenção da mesma preposição. Mas o que se notou mais freqüente foi que os SPREPS que servem de complemento ao N não aparecem tanto em relação parafrástica, mas sim sozinhos (alínea (c): sobre Teilhard de Chardin) ou em combinação entre si:

(21) (...) tanto que no casamento de uma sobrinha... casamento de minha sobrinha eu fiz um:: uma roupinha de veludo para o meu filho para o mais velhinho né? com:: um sapatinho de verniz com uma fivela (...).

Além disso, quando os SPREPS exprimem uma propriedade específica do ser a que se refere o N, sua combinação fica sujeita a certas restrições de ordem semântica. A título de exemplo, comparem-se os sentidos diferentes de (21a) com (21b), ainda que tais construções sejam gramaticais:

(21a) (...) com um sapatinho de verniz com uma fivela.

(21b) (...) com um sapatinho com uma fivela de verniz.

Em (21a), o SPREP "de verniz" caracteriza "sapatinho", enquanto em (21b), pode-se interpretar que o mesmo SPREP refere-se à "fivela", e não a "sapatinho".

Em (19), os SPREPS incluem, além da preposição, uma oração com infinitivo. Embora esses SPREPS não apresentem

relação parafrástica com um outro SPREP, seriam possíveis as seguintes ocorrências parafrásticas:

(19)' (a) (...) terei tempo disponível para fazer coisas extras, **para realizar outras coisas**(...).

(19)' (b) (...) em todos os três museus onde eu tive oportunidade de estar, **de entrar** (...).

Em (20), verificam-se SPREPs contendo uma preposição e uma oração relativa. Tanto em (20a), quanto em (20b), os SPREPs estão em relação parafrástica.

2.2.3. O complementador é uma OREL

2.2.3.1. Orações relativas restritivas (ORRs)

As orações relativas (ORELs) servem de complemento do núcleo do SN e são introduzidas por um pronome relativo. As orações relativas com antecedente podem ser (1) restritivas; (2) explicativas ou apositivas. Consideraremos como complemento do núcleo do SN, nesta seção, apenas as orações restritivas, tendo em vista que as explicativas funcionam como aposto e, dessa forma, serão tratadas, mais adiante, no capítulo 3.

Sabendo que as relativas podem funcionar como complemento do núcleo de um SN, o procedimento que adotamos foi examinar se as paráfrases ocorriam ou não nas respectivas orações. Selecionamos, então, os seguintes dados para análise:

(22a) (...) mamãe sempre como:: contava que elas tinham umas amigas que eram sempre carinhosas eram umas velhinhas muito simpáticas (...).

NURC/SP D2 333:263-265.

(22b) (...) muitas pessoas que têm viajado ultimamente -- ultimamente eu não tenho viajado -- ... têm dito por exemplo que em vá/ diversos países da Europa a televisão está muito ruim...

NURC/SP D2 333:311-314.

(22c) (...) há (mas) dois canais em Paris... num horário que nós chamamos nobre (...).

NURC/SP D2 333:320-321.

(22d) (...) mas não foi essa que ele matou matou ou::tra (...).

NURC/SP D2 396:1199-1201.

A partir dos dados, verificamos, por exemplo, que os pronomes relativos têm diferentes funções sintáticas na oração a que pertencem (sujeito, em (22a, 22b) e objeto direto, em (22c e 22d), por exemplo) e que o núcleo do SN a que as ORRs servem de complemento pode ser um nome (22a: "amigas"; 22b: "pessoas"; 22c: "horário") ou um pronome (22d: "essa").

Contudo, observamos que a estrutura das orações relativas em questão não revelou relações de paráfrase, como inicialmente hipotetizamos. Assim, aventamos uma outra hipótese de que estruturas subordinadas como as relativas (e alguns SPREPs, já estudados em 2.2.2.) são menos suscetíveis

de parafraseamento do que estruturas coordenadas ou em
aposição, como observamos com as relações parafrásticas
ilustradas com os SADJs, em 2.2.1., às pp. 24-32.

CAPÍTULO 3: PARÁFRASES INTRA-SENTENCIAIS

A ocorrência de paráfrase de SNs dentro da mesma sentença pode ser observada em casos em que há um fator de condicionamento sintático promovendo a constituição, ou ainda, a ampliação da sentença. Trata-se, por exemplo, de ocorrências parafrásticas de SNs em construções com o verbo "ser" equativo, bem como em construções com o SN na função de aposto.

3.1. SN equativo

Atuando com o verbo de ligação, certos SNs equativos representam um termo predicativo, que pode ser analisado como paráfrase de um outro SN anterior, ou de um constituinte deste, com a condição de que haja uma similitude semântica entre o equativo (a paráfrase, propriamente dita) e o termo "equaticizado". Observa-se, como exemplo, o fragmento abaixo, retirado de uma resenha que comenta o lançamento de um romance:

(23) *Um dos méritos do romance de Torero, além do domínio do ritmo e do humor, é **a boa dosagem das informações históricas.***

FSP.

O verbo "ser" equativo promove a constituição de sentenças, na medida em que atua como um verbo que introduz uma predicação a respeito de um termo mencionado anterior-

mente. Verificamos no exemplo 23, uma paráfrase com contra-
parte sintática, expressa pelo SN "a boa dosagem das infor-
mações históricas", que faz a predicação do que é o enunciado
parafraseado, "um dos méritos do romance de Torero".

Observamos, também, que mais de um SN com o "ser"
equativo pode ocorrer na seqüenciação de um mesmo trecho:

(24) (...) como eu disse a vocês... *uma das
idéias fundamentais no ocidente... é a
idéia de viagem... a idéia de peregrinação...*
nós podemos aproximar isto então... da
literatura religiosa do ocidente... "nossa
vida é *uma via*/... é *uma viagem* pelo vale de
lágrimas" (...).

NURC/SP EF 124:40-45.

Os SNs parafrásticos introduzidos pelo verbo
"ser", "a idéia de viagem" e "a idéia de peregrinação" (neste
segundo SN, consideramos uma elipse do verbo "ser"), repre-
sentam uma paráfrase da matriz "uma das idéias fundamentais
no ocidente", especificando, assim, uma determinada idéia,
entre outras. Do mesmo modo, os SNs introduzidos na seqüência
do texto pelo verbo "ser", a saber, "uma via" (sob a forma de
hesitação) e "uma viagem", exemplificam, parafraseando, o
sentido expresso na matriz "nossa vida".

(25) (...) taxa de juros ela tem um monte de
sentidos... éh:: nós vamos associar *taxa de
juros ((ruído))... como sendo esse... rendimen-
to... certo? é o rendimento que as pessoas... é
a taxa rendimento que as pessoas obtêm... ao...
comprar um título... então a taxa de juros é...*

é o:: **ganho** é o **rendimento... rendimento per-**
centual né?... **rendimento percentual... na**
compra... de um título... portanto ela repre-
 senta... em termos de moeda... é o... **custo...**
de se... reter... moeda... isto é demandar
 moeda... então é **o custo de se reter moeda**
 (...). (frase não finita)

NURC/SP EF 338: 470-480.

Esse exemplo introduz uma seqüência de SNs equativos em construção parafrástica que procuram (re)definir a todo instante o assunto - "taxa de juros" - que orienta a exposição do informante. Trata-se, pois, de uma reiteração temática à qual se acrescentam novas informações nos SNs equativos, num movimento de ampliação de sentidos, como se pode observar na seqüência: "esse rendimento", "o rendimento que as pessoas...", a taxa de rendimento que as pessoas obtêm... ao... comprar um título...".

3.2. SN apositivo

Consideraremos, também, como ocorrências parafrásticas intra-sentenciais, certas expressões explicativas, colocadas entre vírgulas no interior do SN e à direita do núcleo, e que tradicionalmente denominam-se "apostos": também chamados epítetos, podem ser constituídos por SNs ou SADJs, inclusive por orações explicativas ou apositivas.

- SNs:

(26) Von Martius, além de botânico(...) era desenhista , escritor e músico(...). Sua obra máxima é "Historia Naturalis Palmarum" (...). A exposição traz também os dois volumes de "Historia Naturalis Palmarum, **seu tratado sobre as palmeiras.**

O SN parafrástico apositivo, "seu tratado sobre as palmeiras", funciona como uma explicitação do que são "os dois volumes de "Historia Naturalis Palmarum", que se constitui no SN parafraseado.

(27) Os livros de cabeceira de Torero durante a redação de "Chalaça" foram "Memórias de um Sargento de Milícias", de Manoel Antonio de Almeida, e "Lazarillo de Tormes", **romance espanhol anônimo do século 16, considerado o primeiro do gênero picaresco.**

FSP.

Nesse exemplo, o SN matriz (M1) denominativo, "Lazarillo de Tormes", é explicitado pela paráfrase apositiva (P1), contida no SN "romance espanhol anônimo do século 16", que explica, portanto, que romance é esse. Esse mesmo SN funciona, por sua vez, como matriz (M2) de um outro SN parafrástico (P2), "o primeiro do gênero picaresco", em que o núcleo nominal "romance" está subentendido. Trata-se, neste caso, de um SN apositivo elíptico. Observa-se o gráfico ilustrativo da relação entre os elementos compreendidos como matriz e paráfrase:

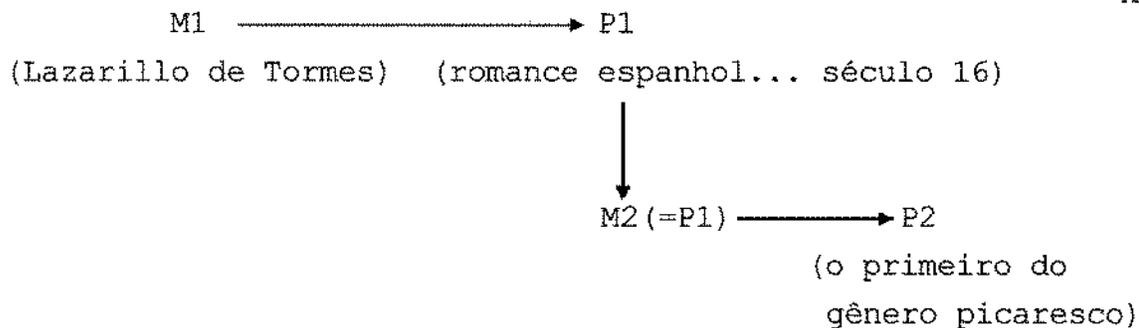


Gráfico 1

Em algumas amostras de SNs apositivos, observamos que os mesmos podem ser introduzidos pelo artigo definido (28) ou indefinido (29), podendo o SN ser complementado, neste segundo caso, por uma oração relativa restritiva, de modo a precisar a indefinição marcada pelo artigo indefinido.

(28) A União Soviética era um mosaico de 15 repúblicas. O poder repousava centralizado em *Moscou, o coração do império montado pelos comunistas responsáveis pela revolução de 1917.*

FSP, 16/09/96.

(29) Há algum tempo é moda no Brasil discutir o *"custo Brasil", uma série de entulhos que atravança os negócios.* As medidas aprovadas na semana passada pelos deputados são um passo importante nessa direção (...).

VEJA, 04/09/96.

- SNs recorrentes:

(30) O livro foi mandado à editora como sendo

um documento verdadeiro e precioso: **um pretenso diário escrito** pelo secretário de D. Pedro I, **Francisco Gomes da Silva, personagem real** que entrou para a história com o apelido de Chalaça (gracejo, pilhéria) e a fama de alcoviteiro.

FSP.

Nesse exemplo, o enunciado matriz, "um documento verdadeiro e precioso" (M1), introduz, através dos dois pontos, um SN (P1) que parafraseia, explicando, as qualidades atribuídas ao livro em questão, que aparecem na matriz. Paralelamente, o SN parafrástico, "um pretenso diário escrito pelo secretário de D. Pedro I" desencadeia um outro SN apositivo, paráfrase do SN "secretário de D. Pedro I" (M2) - contido no SP "pelo secretário de D. Pedro I". Assim, "secretário de D. Pedro I" torna-se matriz, que é parafraseada pelo SN próprio que lhe segue, "Francisco Gomes da Silva" (P2). Por sua vez, esse mesmo SN próprio (M3) é seguido por uma outra paráfrase apositiva, expressa pelo SN "personagem real" (P3). Vemos, então, que a essa expansão de SNs parafrásticos apositivos que, passam a SNs matrizes para, então, serem, por sua vez, parafraseados por sucessivos SNs apositivos, corresponde uma das funções das paráfrases: a de promover a ampliação de sentenças.

- Orações relativas apositivas ou explicativas (ORAs):

(31a) Pedro Luís, com quem conversamos na viagem, é muito simpático.

(31b) O presidente do EUA, Bill Clinton, planejava evitar temas polêmicos no seu discurso sobre o estado da União, que tinha início

previsto para as 21h locais (...).

FSP, 24/01/96.

(31c) (...) Essa é uma situação grave, que é consequência de uma política errada de saúde, que foi mantida durante décadas (...).

FSP, 24/01/96.

(31d) (...) então essa linguagem vai evoluindo no seu país de origem... e no país... jovem para o qual ela foi transposta ela fica mais ou menos estagnada... que é o caso dessa área francesa do Canadá (...).

NURC/SP D2 333:240-244.

Comparando o funcionamento das orações relativas restritivas com o funcionamento das apositivas, verificamos, a partir dos dados selecionados, que, assemelhando-se às orações restritivas (2.2.3.1.), a estrutura das apositivas também não revelou SNs em relações de paráfrase (fato que explica por que optamos por sublinhar tais orações, e não transcrevê-las em itálico negrito). Por outro lado, achamos válido apontar algumas diferenças das apositivas em relação às restritivas, de modo a distinguir seu funcionamento.

Em oposição à oração relativa restritiva, que restringe, limita o sentido do termo a que se refere, a apositiva, por exprimir um comentário acerca do ser denotado pelo SN antecedente, não contribui, ela própria, para a determinação desse SN (Mateus et al.:1992:292). Assim, observa-se que o SN antecedente apresenta-se definido por um N próprio (31a) ou por um SN com determinante:

(31b)' (...) no seu discurso (...), que tinha

início (...),

podendo ser acrescido de complemento:

- SPREP

(31b)' (...) no seu discurso sobre o estado da União, que tinha início (...),

- SADJ

(31c)' (...) uma situação grave, que é consequência (...).

Uma análise das duas orações relativas que aparecem encadeadas no exemplo:

(31c) Essa é uma situação grave, que é consequência de uma política errada de saúde, que foi mantida durante décadas

vem mostrar a possibilidade de co-ocorrência de duas orações apositivas, o que contradiz uma das propriedades das relativas apositivas apontadas por Mateus et al.(1992:292): "existindo na construção duas orações relativas, a primeira é a restritiva, sendo a segunda normalmente uma apositiva". Tal propriedade não se aplica ao nosso exemplo acima, tendo em vista que se trata de duas orações explicativas: dado seu estatuto parentético, somos levados a interpretá-las como uma informação que é acrescida ao SN antecedente, não se tratando, pois, de uma restrição do conceito expresso pelo SN que elas modificam.

Numa primeira interpretação da construção de (31c), diríamos que as duas orações apositivas sucedem-se de modo linear, ou progressivo: parte da primeira oração

relativa passa a figurar como antecedente da oração relativa seguinte. Desse modo, o antecedente da primeira oração relativa:

(31c) que é consequência de uma política errada de saúde (...),

é o SN "uma situação grave", ao passo que o antecedente da segunda oração relativa:

(31c) que foi mantida durante décadas

é o SN que a antecede, parte da oração relativa anterior, "uma política errada de saúde". Nesta interpretação, a segunda oração apositiva, "que foi mantida durante décadas", funciona como paráfrase da oração relativa matriz, "que é consequência de uma política errada de saúde".

De forma distinta, uma segunda interpretação para a construção de (31c) evidencia que as duas orações relativas apositivas teriam como único antecedente o SN "uma situação grave", contido na oração inicial. Segundo esta interpretação, as duas orações apositivas funcionariam como dois comentários explicativos feitos a respeito "da situação grave" a que se referiu o presidente Fernando Henrique Cardoso no programa de rádio "Palavra do Presidente", em 23/01/96. Dentro desta perspectiva, poderíamos também considerar as duas orações relativas como paráfrases da oração matriz, "esta é uma situação grave".

Em (31d), a oração relativa apositiva estabelece um comentário a respeito da proposição anterior:

(31d) (...) e no país... jovem para o qual ela

foi transposta ela fica mais ou menos estagnada... que é o caso dessa área francesa do Canadá (...).

Ou seja, a relativa apositiva, introduzida pelo que, faz uma asserção, não sobre todo o conteúdo da proposição anterior, mas sobre o foco dessa proposição, que, no caso, é a predicação "ficar mais ou menos estagnada". O mesmo fato pode ser observado no exemplo a seguir, em que a relativa apositiva é introduzida por o que:

(31e) "Logo depois, a placa que avisava a distância do posto da polícia foi arrancada, o que indica intenção de assalto", diz Barbin.

FSP, 24/01/96.

Como se vê, a apositiva destacada refere-se à predicação "ser arrancada", e não a toda a proposição que a antecede.

Em decorrência da análise dos exemplos de SNs intra-sentenciais, seja como equativos, seja como apositivos, podemos concluir que o efeito parafrástico recai não nas unidades lexicais em si mesmas, mas em sua relação; na possibilidade de substituição de um SN matriz por um outro SN, parafrástico.

CAPÍTULO 4: PARÁFRASES INTERSENTENCIAIS

Os SNs parafrásticos podem, também, funcionar como um mecanismo de ligação entre sentenças, na medida em que retomam um elemento lingüístico de uma outra sentença, diferente daquela em que eles se encontram. É através de um mecanismo semântico de ligações ou relações de sentidos entre sentenças diferentes que os SNs parafrásticos vão formando a tessitura textual, ou seja, constituem um fenômeno de coesão textual: a interpretação do SN parafrástico depende da interpretação de um outro elemento do texto (um referente), que pode estar explícito, marcado sintaticamente, ou ser inferido a partir das informações contidas no texto.

Os SNs coesivos configuram, pois, um mecanismo formal da própria língua, estabelecendo, com os outros elementos lingüísticos do texto, relações de sentido (que serão identificadas mais adiante, no capítulo 5.). Segundo Halliday & Haas (1976), a coesão é parte do sistema de uma língua: trata-se de uma relação semântica, que é realizada através do sistema léxico-gramatical. Consideraremos, então, que o mecanismo coesivo empreendido pelos SNs parafrásticos diz respeito, não a um mecanismo meramente sintático, mas sim a um mecanismo cuja engrenagem reúne uma semântica e sintaxe textuais, simultaneamente. Corroborando essa afirmação, veremos que os SNs parafrásticos atuam como elementos coesivos, pois explicitam tipos de relações (4.1. e 4.2.) entre os elementos lingüísticos que compõem o texto e funcionam como um processo de continuidade ou seqüenciação (capítulo 6) que assegura uma ligação significativa entre esses elementos.

Como esse estudo trata dos SNs parafrásticos na perspectiva coesiva, reunindo, portanto, características da semântica e da sintaxe, julgamos conveniente, por questões metodológicas, e a partir da descrição que aqui propomos dos grupos nominais, fazer uma primeira abordagem dos mesmos a nível do sistema sintático, para, em seguida, passar ao sistema semântico. Nessa perspectiva, os SNs parafrásticos constituem um mecanismo que tem suas duas caras, cada qual com especificidades e características próprias, mas que dizem respeito a um mesmo fenômeno, o da coesão textual.

4.1. Relações de simetria e assimetria entre o segmento matriz e o segmento parafrástico

A análise da configuração sintática dos SNs focaliza, em especial, a sua complexidade sintático-lexical, não constando, portanto, dos limites desse trabalho, uma análise exaustiva da estrutura sintática interna do SN parafrástico, no sentido de se fazer uma micro-segmentação extensa e descritiva das classes nele compreendidas. Assim, a complexidade sintático-lexical é, antes, um instrumento que nos permitirá observar se há um paralelismo morfossintático com relação à própria matriz, ou, então, detectar a existência de uma assimetria sintática com a matriz. Trata-se, pois, de um exame do resultado dessa configuração sintática, e não propriamente de um exame detalhado dos elementos que a compõem.

4.1.1. SNs parafrásticos simétricos

Nas ocorrências com paralelismo formal dos SNs parafrásticos, observamos que eles estão constituídos por elementos, cuja complexidade sintático-lexical é idêntica à da matriz. Em alguns casos, observa-se, inclusive, que os elementos que constituem o SN parafrástico são da mesma categoria gramatical a que pertencem os elementos de sua matriz.

(32) *O desemprego é um problema que atinge, ainda que em diferentes níveis, quase todos os países. Em nações do Terceiro Mundo, como o Brasil, **esse flagelo** tem uma face ainda mais dramática, visto que a falta de um posto trabalho é, para as camadas de mais baixa renda, o caminho para a indigência.*

*Mesmo nos países desenvolvidos, porém, **esse problema** tem estado no centro das atenções. (...) Para combater **esse mal** o paternalismo governamental mostrou-se ineficaz (...).*

FSP.

Neste exemplo, observa-se que há um encadeamento parafrástico com três relações de paráfrases que se sucedem ao longo do texto, configurando-se em paráfrases simétricas, se comparadas às suas matrizes. Assim, no parafraseamento da primeira matriz, "o desemprego"(M1), para a paráfrase "esse flagelo"(P1), verifica-se que ambos os SNs são formados por um determinante, "o"/"esse", e por um núcleo nominal, "desemprego"/ "flagelo", respectivamente.

Por sua vez, o SN parafrástico "esse flagelo"

funciona, simultaneamente, como matriz do SN parafrástico que o segue, "esse problema", que, igualmente, é também matriz do SN parafrástico subsequente, "esse mal". Nesse encadeamento de paráfrases, os SNs mantêm uma estrutura sintática idêntica, sendo que os seus elementos constituem-se num mesmo especificador - o demonstrativo "esse", que se repete - e em núcleos nominais, a saber, "flagelo", "problema" e "mal".

O gráfico a seguir ilustra as relações parafrásticas entre os SNs contidos neste exemplo:

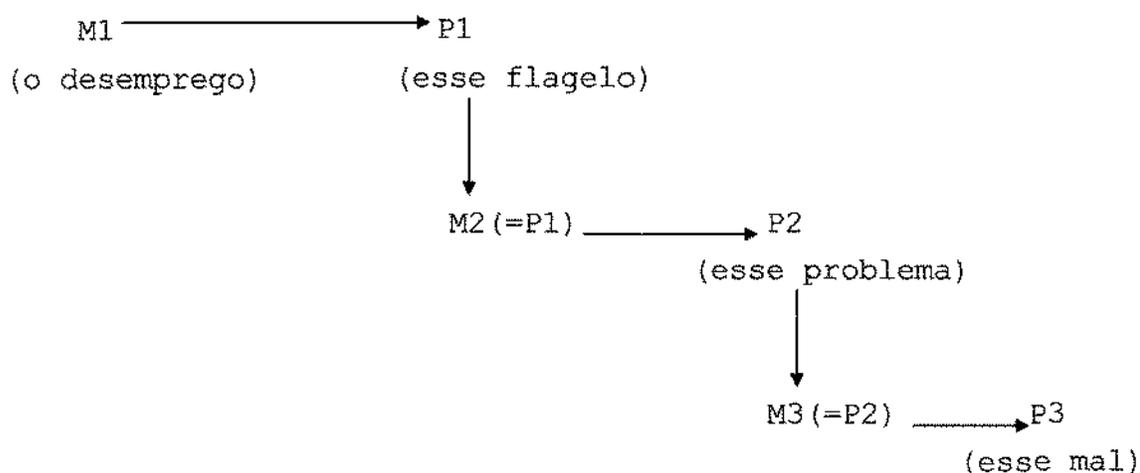


Gráfico 2

(33) Os teólogos cujas opiniões divergem das do Vaticano são o alvo de um novo documento eclesialístico lançado na semana passada pelo cardeal Joseph Ratzinger(...). **O novo texto** dá poder aos bispos(...). Caso desrespeitem **a nova norma**(...).

VEJA.

Neste outro exemplo, o SN matriz "um novo documento eclesiástico" é parafraseado pelo SN "o novo texto" que, na seqüência do texto, pode funcionar, por sua vez, como matriz do SN "a nova norma". Vê-se que esse último SN parafrástico é simétrico em relação à matriz, formando com a mesma um paradigma mórfico, na medida em que é constituído por elementos gramaticais de mesma categoria de sua matriz, ou seja, determinantes do tipo artigos e adjetivos ("o"/"a"; "novo"/"nova").

Segue abaixo a representação das relações entre matriz e paráfrase contidas no exemplo em questão:

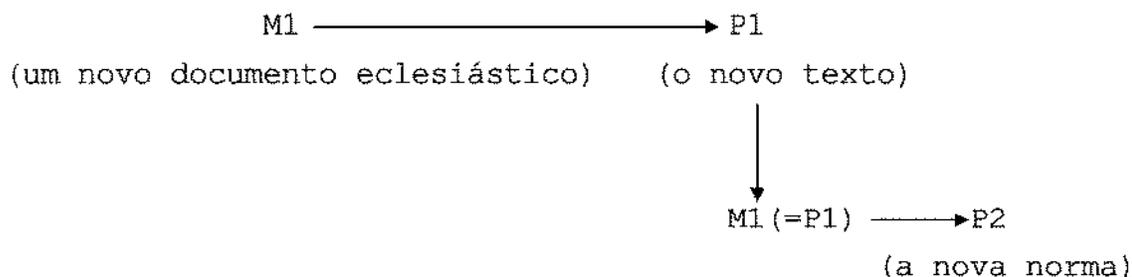


Gráfico 3

4.1.2. SNs parafrásticos assimétricos

A assimetria sintático-lexical dos SNs parafrásticos ocorre através de dois tipos:

4.1.2.1. SNs parafrásticos menores do que a matriz

Nesse caso, os SNs apresentam paráfrases reduzi-

das, em que se verifica uma formulação sintático-lexical mais simples do que à da matriz correspondente. Gülich e Kotschi (1987a: 242 e 1987b: 76) referem-se a esta atividade, em que a textualização da paráfrase se desenvolve em sentido contrário ao da expansão, como uma atividade de "redução". Por sua vez, à condensação correspondem funções lingüístico-discursivo-interacionais próprias (não exclusivas), particularmente as de (1) resumo e (2) denominação (Hilgert, 1989:336). Vejamos essas duas funções dos SNs parafrásticos:

4.1.2.1.1. SNs parafrásticos assimétricos resumitivos

(34) A pneumonia e a diarréia matarão, nos próximos anos, cerca de 30 milhões de crianças nos países do Terceiro Mundo. **O dado** faz parte de relatório apresentado ontem pela OMS (...)

FSP.

(35) L1 tem saído ultimamente... de carro?

L2 tenho mas você diz sair... fora... sair normalmente para a escola **essas coisas?**

NURC/SP D2 343:3-5.

Nos exemplos acima, as informações que precedem os SNs destacados são parafraseadas em termos mais simples, tendo a sua dimensão sintática reduzida. Os núcleos nominais, "coisa(s)" e "dado", resumem, veiculando um sentido genérico, as informações contidas em cada uma de suas matrizes, que, no caso, são sentenciais. Portanto, a paráfrase, aqui, resume toda uma sentença, ou um enunciado.

4.1.2.1.2. SNs parafrásticos assimétricos denominativos

(36) (...) não vou pedir por escrito... cobrança nenhuma... mas: eu tenho aqui... isso porque eu tenho aqui... os grupos com os nomes... e **essa relação**... vai servir... quando da avaliação de vocês (...).

NURC/REC EF 337:30-35.

Neste exemplo, a formulação da matriz, "o grupo com os nomes", é retomada por meio da expressão denominativa "essa relação". O mesmo tipo de assimetria sintático-lexical ocorre com os SNs "as drogas" e "a manifestação", respectivamente, em:

(37) São Bernardo (SP) distribuirá a trinta pacientes os inibidores de protease, considerados *os remédios mais avançados para o tratamento da Aids*.

As drogas compõem o coquetel anti-Aids que, dizem as pesquisas, reduz a quantidade de HIV no sangue.

FSP, 15/08/96.

(38) *Uma passeata pacífica pelas ruas da cidade*, envolvendo cerca de 300 estudantes, marcou o início do movimento Reage Interior em Jundiá, na última quarta-feira.

A manifestação foi contra a violência e em protesto ao assassinato do estudante de medicina, Rogério Bozelli Dutra, 24, no dia 15 de agosto deste ano.

FSP, 25/08/96.

4.1.2.2. SNs parafrásticos maiores do que a matriz

O parafraseamento pode se realizar através de SNs em que ocorre uma expansão de unidades sintáticas mais complexas do que do que a matriz. Segundo Gülich e Kotschi (1987a e 1987b, apud Hilgert, 1989:328), são três as funções que correspondem às paráfrases expansivas, no processo da constituição textual:

- (1) explicação definidora, segundo a qual as paráfrases definem conceitos abstratos mencionados nas matrizes;
- (2) função explicitadora, em que há uma precisão e especificação das informações contidas na matriz (nesse caso, não há conceitos abstratos mencionados na matriz);
- (3) exemplificação, quando o parafraseamento visa a explicitar enunciados com informações genéricas ou sucintas.

(39) *O rap não nasceu ontem, mas é **a nova onda de um mercado** que vive surfando ondas. Está dando dinheiro (...).*

FSP.

Neste trecho, a definição de "rap" é dada pelo SN parafrástico, "a nova onda de um mercado", mais complexo, portanto, do que a matriz correspondente. Trata-se, portanto, de uma paráfrase por definição.

(40) *No Brasil, o megatenor Luciano Pavarotti (...) cantou árias com microfone e saiu aplaudidíssimo(...). Na semana passada em Modena, o **tenor mais popular do planeta** teve um ataque de espírito caritativo e participou de um show*

beneficente (...).

VEJA.

O SN parafrástico "o tenor mais popular do planeta", como se vê, atesta uma função explicitadora da matriz que o antecede, "o megatenor Luciano Pavarotti", na medida em que fornece uma especificação de quem é, de fato, o tenor de que se fala.

(41) (...) Como fonte de pesquisa, Torero usou *um pouco de tudo: romances históricos de Paulo Setúbal, crônicas da época, histórias do vestuário e da culinária*, etc.

FSP.

Os SNs que se sucedem à matriz "um pouco de tudo", sob forma de exemplos, visam a explicitar uma informação genérica e ao mesmo tempo sucinta, contida na matriz. Assim, a forma encontrada para exemplificação do que é "um pouco de tudo" é discriminar os elementos envolvidos como fonte de pesquisa do autor.

4.2. Relações semânticas dos SNs

Ao considerarmos a paráfrase como uma relação de equivalência semântica, em maior ou menor grau, entre um enunciado anterior (matriz) e um outro enunciado (a própria paráfrase), tal equivalência pode ser estudada à luz de dois aspectos do sistema semântico: (1) equivalência referencial e (2) equivalência inferencial.

4.2.1. SNs parafrásticos referenciais

4.2.1.1. Anafóricos

Em muitas ocorrências de SNs referenciais, observou-se que as relações de referência expressas por esses grupos nominais são do tipo anafórico: seu referente encontra-se expresso, anteriormente, no próprio texto. Nesse caso, os SNs parafrásticos serão referenciais anafóricos, como se observa no exemplo seguinte (mantivemos a numeração com que apresentamos esse mesmo exemplo à p. 54):

(36) (...) não vou pedir por escrito... cobrança nenhuma... mas: eu tenho aqui... isso porque eu tenho aqui... *os grupos com os nomes...* e **essa relação**... vai servir... quando da avaliação de vocês (...).

NURC/REC EF 337:30-35.

A referência do SN parafrástico acima, como se vê, é do tipo anafórico, pois seu referente textual está linguisticamente expresso em porção anterior do texto, compreendendo o SN matriz, "os grupos com os nomes".

Observe-se, também, este outro dado:

(42) O prazo de entrega das declarações do Imposto de Renda das pessoas físicas foi prorrogado para *31 de maio*. É o segundo adiamento este ano. **A nova data limite** foi anunciada

ontem pelo secretário da Receita Federal,
Osiris Lopes Filho.

FSP.

Neste exemplo, o SN parafrástico "a nova data limite" refere-se a uma reformulação do sintagma nominal "31 de maio". Nesse caso, consideramos esse sintagma nominal dentro de um outro sintagma preposicionado, introduzido pela preposição "para" e cujos especificadores são o numeral "31" e a preposição "de". Fica evidente que o núcleo da paráfrase é "data", pois faz referência à informação contida no SN matriz - "31 de maio", especificando-a. Trata-se, pois, de uma paráfrase por explicitação ou especificação de informações.

4.2.1.2. Catafóricos

Nos casos em que o referente, ao invés de preceder o item parafrástico, como se verifica nas ocorrências de anáfora, vem lingüisticamente expresso após ele, tem-se a catáfora. Ou seja, a remissão, nesses casos, é feita "para frente", e não "para trás".

Considerando que um traço definidor da relação parafrástica é o fato de ela estabelecer uma relação de equivalência semântica entre dois segmentos textuais, sendo um anterior e um outro segmento que constitui a paráfrase propriamente dita, cabe-nos destacar, nesta seção, que a abordagem que propomos a respeito dos SNs catafóricos como elementos parafrásticos é merecedora de um questionamento especial: tendo em vista que o referente textual, nos casos de catáfora, encontra-se depois do item coesivo ao qual está

relacionado, como explicaríamos essa abordagem parafrástica, aparentemente contraditória, dos SNs parafrásticos, uma vez que a paráfrase, por sua vez, relaciona-se à retomada de conteúdos que aponta para um movimento de remissão para trás? Colocada a questão para ser pensada, gostaríamos de considerar a possibilidade de um tratamento parafrástico pensando-se nestes casos de uma paráfrase que diz respeito a um tipo de reformulação de segmentos textuais, traço este que está embutido na definição de paráfrase.

Seguem-se, então, os seguintes exemplos de SNs catafóricos, a título de uma abordagem parafrástica:

(43) A ilha de Fernando de Noronha está exportando **uma surpreendente e saborosa novidade gastronômica: o tubalhau**. Como o nome sugere, trata-se de carne de tubarão salgada, desidratada e prensada, como se faz, há séculos, com o bacalhau das águas do norte do oceano Atlântico.

FSP, 15/11/96.

Como se observa neste exemplo, há uma relação referencial do tipo catafórica. O SN expandido "uma surpreendente e saborosa novidade gastronômica" aponta como referente textual um outro SN, que aparece após o primeiro, introduzido pelos dois pontos. Por se tratar de um referente subsequente ao SN que funciona como um elemento coesivo, consideraremos tal relação referencial como catafórica.

(44) A cobrança de ICMS sobre produtos exportados é um absurdo que só ocorre no Brasil. O ICMS é um imposto sobre consumo. No caso do

produto exportado, não há consumo no Brasil, mas há imposto, o que é uma aberração. Aliás, dos países que brigam para valer no mercado internacional, nenhum cobra imposto sobre o que exporta. Só o Brasil. No exterior, **a praxe** é outra: *subsidiar a exportação e esconder o subsídio para que os concorrentes não reclamem na Organização Mundial do Comércio*. Os japoneses pagam preços mais altos pelo que consomem no mercado interno para que os produtos que exportam sejam mais baratos.

VEJA, 04/09/96.

Neste exemplo, o SN "a praxe" funciona como um termo catafórico que introduz uma entidade - o referente, que aparece na seqüência do discurso. Esse SN pode ser considerado um SN "pré-referencial", no sentido de que é uma forma que introduz uma entidade a ser continuada no discurso. Num primeiro momento, a referencialidade do SN em questão está vinculada ao pronome indefinido "outra", que é, desse modo, uma forma de determinação indefinida; depois, segue-se uma explicação, introduzida pelos dois pontos, que define "a praxe" a que se faz referência. Finalmente, a referencialidade do SN "a praxe" está relacionada com a sua continuação no discurso, tendo em vista que o enunciado seguinte avança na explicação sobre essa "praxe", com exemplo do que fazem os japoneses.

(45) (...) Mesmo admitindo que esse viés seja meio forçado, Torero acha que o Chalaça pode ser visto como um **"arquetipo do político brasileiro, pilantra e corrupto"**.

FSP.

Analisando o contexto anterior em que aparece esse fragmento (retirado de uma resenha sobre um romance), a expressão notada como paráfrase não tem como referente nenhum elemento lingüístico que lhe seja anterior, como poderia ser também esta uma possibilidade para o referente do pronome demonstrativo "esse". Ao contrário, o que se observa é que o SN "esse viés" faz remissão para um referente que está explícito adiante, constituído pela matriz expansiva "arquetipo do político brasileiro, pilantra e corrupto". Trata-se, pois, de um SN parafrástico referencial que pode ser analisado como catafórico.

4.2.1.3. Anafóricos e catafóricos

Em muitas seqüências textuais, observa-se a ocorrência de SNs anafóricos e catafóricos simultaneamente¹⁴, que podem estar relacionados:

- a um mesmo referente textual:

(46) Construtoras de Campinas investem em **novidades** para atrair os clientes. Entre elas estão *a instalação de adegas no subsolo dos prédios, armários de cozinha e área de serviço*. No condomínio de classe média alta Rio Araguaia, os moradores vão ter *uma sala de degustação de vinho decorada*. **As inovações** refletem no

¹⁴ A respeito da diferenciação entre os processos anafórico e catafórico, bem como a integração de suas funções, ver Givón (1987:180).

aumento de vendas. (...)

FSP, 25/08/96.

Neste exemplo, verifica-se, inicialmente, uma relação catafórica, como atesta(m) o(s) referente(s) do nome "novidades", que aparece(m) em porções posteriores a ele no texto em questão. E o SN "as inovações" tem também o(s) mesmo(s) referente, só que em segmentos anteriores a ele. Resulta, desta análise, que um mesmo referente textual pode apresentar formas remissivas diferentes.

- a referentes diferentes:

(47) Há mais de cinquenta anos Pepsi e Coca travam *uma batalha feroz pela preferência do mercado planetário de refrigerantes*. Na semana passada, **essa guerra** assumiu **uma violência inédita**. *A Coca livrou-se de qualquer escrúpulo e comprou os parceiros da Pepsi na Venezuela.*

VEJA, 04/09/96.

Neste exemplo, o primeiro SN parafrástico, "essa guerra", é anafórico em relação ao referente que o antecede, "uma batalha feroz... refrigerantes". Já o SN "uma violência inédita" é catafórico, tendo como referente textual o enunciado todo que o segue no texto. Trata-se, portanto, de um SN anafórico e de um SN catafórico com referentes textuais diferentes.

4.2.2. SNs parafrásticos inferenciais

Em contraparte com os SNS referenciais, em cuja matriz, como se viu, aparece um item - explícito ou elíptico, que permite entender o sentido do enunciado parafrástico, observaram-se, também, casos em que há ocorrência de SNS parafrásticos sem que haja um referente na matriz que autorize, propriamente, a criação do sentido equivalente. Ou seja, nesses casos percebe-se que existe uma relação de equivalência semântica, que se traduz em retomada de sentidos por meio de uma relação semântica do tipo inferencial. Assim, os SNS inferenciais consistem num procedimento lingüístico, através do qual não se pressupõe que exista identidade necessária de referência, ou de co-referencialidade, entre o nome e seus possíveis referentes textuais, tendo em vista que os "limites referenciais" das unidades lexicais são, frequentemente, indeterminados (Lyons, 1979:451). Além disso, é preciso considerar que, muitas vezes, as formas referenciais não remetem a nenhum elemento particular do texto, mas sim ao contexto lingüístico, seja precedente ou subsequente, como um todo. Daí, então, aplicar-se mais propriamente a terminologia que aqui proponho, com relação aos "SNS inferenciais", na medida em que se observa que o seu referente se constrói na seqüenciação do próprio texto. Nos termos de Blanche-Benveniste (1984, apud Koch, 1989:31), "o referente se constrói no desenrolar do texto, modificando-se a cada novo "nome" que se lhe dê ou a cada nova ocorrência do mesmo "nome". Isto é, o referente é algo que se (re)constrói textualmente". A título, pois, de exemplo :

(48) Inf. "ah hoje tem prova?... ah mas por que não avisaram a a gente podia fazer mais um dia então bom... **a coisa** está tão atrapalhada que não vale a pena atrapalhar mais né? (...)

O SN "a coisa", como se vê, é uma paráfrase inferencial, cujo núcleo nominal - coisa - apresenta um grau máximo de generalização, do que foi enunciado no contexto anterior.

(49) Nosso país clama por uma grande arrancada em direção ao futuro. Nosso povo tem o direito de se congregar na alegria e na abundância, de comemorar a exorcização dos fantasmas do desemprego e da inflação. O Brasil merece e exige ter seu imenso e generoso território varrido pelos ventos da esperança. **O sonho** é possível e seu nome é desenvolvimento.

FSP.

Nesse exemplo, observa-se que o SN "o sonho" é uma paráfrase inferencial das informações contidas que o precedem no texto. Vê-se, também aqui, que não há uma marca lingüística no texto que possa ser considerada como referente desse SN parafrástico, mas sim uma matriz abrangente que reúne um conjunto de enunciados, enumerando as coisas que são, na realidade, sonhos. Dessa forma, o SN "o sonho" retoma o que foi dito anteriormente, sintetizando os enunciados, pelo recurso da inferência.

4.2.3. SNs parafrásticos referenciais e inferenciais

Cabe ressaltar, também, que em muitas ocorrências de SNs parafrásticos, tanto em textos escritos como falados, pode ser observada uma integração de SNs referenciais e

inferenciais combinando-se e complementando-se na composição textual. É o que se observa nesse exemplo:

(50) Os Estados Unidos gastam anualmente *US\$ 120 bilhões* em decorrência do tabagismo no país. **A soma** inclui gastos médicos diretos e indiretos, como perda de trabalho e morte precoce.

A informação foi dada ontem pelo diretor-assistente da Escola de Saúde Pública da Universidade da Califórnia (...).

FSP.

O referente do SN "a soma" está explícito no texto, de modo quantificado ("US\$ 120 bilhões"), já que se trata de uma soma. Já o segundo SN parafrástico "a informação" é inferencial, na medida em que não há uma marca gramatical que determine explicitamente um referente para esse grupo nominal. Vemos, pois, que a presença de um SN referencial e de um SN inferencial combinados determina a própria dinâmica evolutiva do assunto ao longo do texto.

CAPÍTULO 5: TIPOLOGIA DE SNs PARAFRÁSTICOS

É proposta, neste capítulo, uma tipologia de SNs, a partir de níveis de análise que distinguem alguns vieses (traços morfológicos, lexicais, metalingüísticos, por exemplo), pelos quais as paráfrases podem ser recortadas. Observar-se-á que os diversos tipos de SNs podem ilustrar mais de um nível de análise, uma vez que um mesmo SN carrega traços que, embora distintos, não se excluem, antes, se complementam.

Ressalta-se, também, que alguns exemplos que aparecem neste capítulo já apareceram em outros momentos deste trabalho, portanto, mantivemos a numeração de sua primeira ocorrência.

5.1. Nível morfológico

- SNs deverbais

(51) O candidato José Serra *prometeu* ontem pedir ao governador Mário Covas mais segurança para a zona leste da cidade. Ele fez **a promessa** durante seu primeiro showmício na campanha eleitoral para a prefeitura, no bairro de Cidade Tiradentes (zona leste de São Paulo).

FSP, 12/08/96.

(52) (...) a primeira avaliação... vocês notam com isso... não *cobrareii*:: só em circunstâncias

muito especiais... mas **a cobrança** será a própria frequência (...).

NURC/REC EF 337:42.

Os SNs deverbais encerram nominalizações que se estabelecem a partir da categoria do verbo, tratando-se, portanto, de uma elaboração morfológica. Em (51) e (52), os SNs "a promessa" e "a cobrança" são nomes provenientes dos respectivos verbos, "prometer" e "cobrar".

Verifica-se, neste caso, uma paráfrase que ocorre por sinonímia-identidade, ou identidade semântica. Segundo essa abordagem, a paráfrase é experimentada como correspondência entre um sentido e várias formas (cf. C. Fuchs e P. Le Goffic, 1983:110).

Já em ocorrências de SNs como no exemplo abaixo, pode-se focar a paráfrase segundo uma abordagem distinta da referida acima, na medida em que se verifica uma sinonímia por equivalência semântica:

(53) "Estamos juntando um bom material sobre o Pitta", disse o deputado estadual Walter Feldman (PSDB), um dos coordenadores da campanha de Serra. "Sabemos que a área financeira dos Maluf esteve muito tempo nas mãos do Pitta", disse Feldman.

A declaração foi feita pelo deputado ao comentar o chamado caso Paubrasil - referência ao esquema descoberto pela Receita Federal de financiamento irregular das campanhas eleitorais de Maluf.

FSP, 12/08/96.

Como se vê, o SN parafrástico "a declaração" é

uma forma nominalizante através da qual não se remete ao verbo "declarar", uma vez que ele não aparece explícito no texto, mas sim ao verbo de sentido equivalente "disse" e aos argumentos da(s) oração(ões) anterior(es). Dessa forma, a paráfrase está determinada pelo contexto, estando vinculada às operações de referenciação (cf. Benveniste, 1966), efetuadas, neste caso em especial, pelo próprio leitor desse texto.

- SNs retomando um nome

Nesse tipo específico de elaboração morfológica, observamos muitos casos em que um SN retoma um nome de um outro SN que o antecede:

(3) (...) eu tenho notado diferença por exemplo aquele teatro que tem lá na Rua dos Ingleses... que passou essa peça **essa comédia** que nós comentamos eu tenho a impressão que lá é mais assim ah não tem *tanto preparo* **tanto** é:: **tanta** encenação (...).

NURC/SP DID 234:230-234.

(18b) (...) fomos até Los Angeles de carro então uma viagem descontraída *sem... compromissos* ou **sem horários definidos** (...).

NURC/SP DID 137:200-203.

- SNs retomando uma seqüência textual

Nesse tipo específico de elaboração morfológica, observamos que o referente de um SN pode aparecer em porções textuais anteriores, que constituem uma seqüência de informações (50) ou, ainda, ser inferido, re-construído, a partir de uma seqüência que o antecede (48):

(50) Os Estados Unidos gastam anualmente *US\$ 120 bilhões* em decorrência do tabagismo no país. **A soma** inclui gastos médicos diretos e indiretos, como perda de trabalho e morte precoce.

A informação foi dada ontem pelo diretor-assistente da Escola de Saúde Pública da Universidade da Califórnia (...).

FSP.

(48) Inf. "ah hoje tem prova?... ah mas por que não avisaram a a gente podia fazer mais um dia então bom... **a coisa** está tão atrapalhada que não vale a pena atrapalhar mais né? (...)

NURC/SP EF 124:234-237.

5.2. Nível semântico-lexical

Nesta categoria, poderão ser observadas relações de coesão lexical expressas pelos SNs. Este processo de coesão opera por contigüidade semântica (cf. Mateus et al., 1989:145), ou seja, os SNs que entram numa relação de coesão lexical caracterizam-se pela presença de traços semânticos equivalentes e, em alguns casos, idênticos. É importante notar que estamos considerando esse mecanismo de **coesão**

lexical como uma possível maneira de estabelecer a relação de referência, e não como um mecanismo à parte; portanto, ele diz respeito à **coesão referencial** (cf. Koch, 1989:30).

- Sinônimos ou quase-sinônimos¹⁵

Os exemplos (18b) e (51), já identificados em 5.1., mostram, também, relações de sinonímia: "sem compromissos" equivalendo a "sem horários definidos", e "promessa" funcionando como sinônimo do verbo de origem "prometer", respectivamente.

(54) Há uma precisão matemática na briga dos *candidatos* pela preferência do eleitorado. A um mês das eleições, **os concorrentes** debruçam-se sobre *gráficos, planilhas e tabelas* de intenções de votos.(...)

VEJA, 04/09/96.

Neste trecho da reportagem sobre a campanha das eleições, aparecem duas ocorrências de sinonímia: a primeira, em que o SN "os concorrentes" funciona como um SN sinônimo de "candidatos", que o precede; a outra, em que há uma seqüência de nomes de sentido equivalente - "gráficos, planilhas e tabelas", que dizem respeito aos recursos utilizados pelos candidatos para apurar a intenção de votos.

Outros SNs sinônimos podem ser observados nos exemplos (55), (56) e (57) abaixo, tendo um SN que os antecede como matriz:

¹⁵ Focalizando o critério de identidade, e não apenas similaridade, como definidor da sinonímia, Lyons (1981:50), propõe que sejam consideradas as diferenças entre "near-synonymy", "partial synonymy" e "absolute synonymy". Para o autor, por exemplo, "quase-sinônimos" são expressões mais ou menos

(55) ... então QUAL-QUER tipo de pesquisa traz... com e::la *TOda uma filosofia...* **um concei::to** ()... **pressupostos teó::ricos** (...).

NURC/SP EF 377:310-312.

(56) (...) o *ADULto*... já atingiu um nível mais flexível em que se adapta às situações mas::... éh: novas possíveis... mas se ele tiver *algum problema algum distúrbio*...

NURC/SP EF 377:418-421.

(57) ... Keynes... introduziu... *um novo conceito* **uma nova razão** pelas quais as pessoas retêm... moeda... e foi um:: potente instrumento para ele... ah criticar... a teoria... clássica principalmente a política... monetária... clássica...

NURC/SP EF 338:314-318.

- SNs hiperônimos

Nos exemplos que se seguem, os SNs hiperônimos estabelecem uma relação de sentido entre unidades lexicais, em que o significado de um termo mais específico é abrangido, ou incluído, pelo significado de um termo mais geral. Essa "inclusão" de um termo mais específico num termo mais geral pode ser formalizada em função da lógica de classes, por exemplo: a classe de entidades a que se faz referência pela palavra flor é mais ampla do que a classe de entidades similares, mas não idênticas, no sentido.

referidas por tulipa e a inclui (LYONS, 1979:482). Trata-se, neste ponto, da diferença que a lógica tradicional e certas teorias semânticas estabelecem mediante os conceitos de *extensão* e *compreensão*¹⁶.

Desse modo, consideraremos que os SNs hiperônimos designam uma classe maior que inclui o termo, mais específico, a que se referem. Observem-se os SNs hiperônimos destacados nos exemplos abaixo:

(58) O diabetes é provocado pela incapacidade do órgão pâncreas em fabricar a *insulina*. O **hormônio** tem função importante no metabolismo dos açúcares pelo organismo. Sua falta provoca elevação da taxa de açúcar no sangue.

(59) "Há pesquisas com *borboletas* na Grã-Bretanha, com *invertebrados marinhos* na costa da Califórnia, com *plantas* na Suécia e no Oceano Ártico. Todas indicam que **essas espécies** estão movendo-se para o norte em resposta às mudanças climáticas".

VEJA, 04/09/96.

- SNs hipônimos

Da mesma forma que os hiperônimos, os SNs hipônimos podem representar um termo específico, referindo-se a um termo mais geral, que os antecede:

¹⁶ Segundo o autor (1979:482), a *extensão* de um termo é a classe de entidades a que ele é aplicável ou a que ele se refere; a sua *compreensão* é o conjunto de atributos que caracterizam qualquer entidade a que ele é corretamente aplicado. Tais conceitos são inversamente proporcionais: quanto maior a extensão de um termo, tanto menor é a sua compreensão e vice-versa.

(60) (...) A *comida* está toda inconsumível. **A carne** tem hormônios letais que, no mínimo, fazem crescer mamas nos homens e barba nas mulheres (...). **Os peixes e mariscos** têm mercúrio (...). **O pão** tem um negócio (...) que deixa qualquer um, de qualquer sexo, irremediavelmente broxa pelo resto da vida (...).

VEJA, 30/12/92.

Vê-se, pois, que os SNs destacados funcionam como hipônimos do SN matriz, "a comida". Trata-se, neste caso, de uma progressão de SNs que representam temas derivados de um "hipertema".

Com relação ainda a este nível semântico-lexical, propomos a observação de um outro viés possível de análise, que leva em conta indicações ou traços específicos, definidos a partir do sentido da palavra no léxico, como: +definido/-definido; +específico/- específico. Consideraremos que a identificação desses traços decorre de informações textuais, discursivas e pragmáticas. Assim, os SNs podem ser analisados, não apenas quanto às relações sintático-lexicais, mas também quanto a uma dimensão pragmática, que revela estratégias enunciativas diversas, selecionadas pelo falante em determinadas situações ou contextos de comunicação. Vejamos, pois, alguns exemplos ilustrativos dessa dimensão pragmática dos SNs:

5.2.1. Dimensão semântico-pragmática

- SNs definidos

(61) *Paulo Maluf* (PPB-SP) criticou "um ministro de Estado desse governo" por defender a aprovação da reeleição presidencial em 96. "Vindo de quem vem, só se pode esperar corrupção", disse **o prefeito**.

FSP, 24/08/96.

(62) A Câmara aprovou o *projeto* que agiliza a reforma agrária. **O texto** proíbe vistoria do Incra - fundamental para início da desapropriação - em terras invadidas e exclui o movimento dos sem-terra dessa etapa.

FSP, 15/08/96.

Nestes exemplos, verifica-se que os grupos nominais, que constituem a paráfrase do elemento de referência precedente no texto, são introduzidos pelo artigo definido. Os SNs "o prefeito" e "o texto" dos respectivos exemplos operam uma "disjunção" das propriedades que caracterizam o referente (cf. Koch, 1989: 45). Ou seja, verifica-se que na seqüência textual, para a identificação das indicações no nível da referência, tais expressões definidas efetuam uma "ativação parcial" de algumas instruções de referência que integram todo o conjunto das instruções dadas pelo elemento a que se referem. Entre outras coisas, sabe-se que Maluf é (ou melhor, foi) prefeito, logo, a referência desse SN definido é realizada não só a partir das instruções de conexão com o SN próprio "Paulo Maluf", mas também, a partir das propriedades que caracterizam esse referente. Da mesma forma, o SN parafrástico "o texto" acarreta instruções de conexão e de referência com o elemento de referência que o precede no texto, a saber, "o projeto que agiliza a reforma agrária".

Deve-se observar que expressões desse tipo não assinalam apenas a função referencial, isolada da situação em que é produzida. Ou seja, o uso referencial de uma expressão definida é, também, uma função das intenções dos falantes numa determinada situação comunicativa¹⁷.

Os exemplos (61) e (62) ilustram, simultaneamente, diferentes níveis de análise lingüística, não apenas o semântico-pragmático, mas também, o morfológico, pois os SNS "o prefeito" e "o texto", respectivamente, inserem-se, também, no nível morfológico, tendo em vista que se trata da categoria do nome, retomando um outro nome, ao longo do texto.

- SNs indefinidos

(63) A questão relativa às tarifas bancárias no Brasil não deveria ser objeto de polêmica, como tem ocorrido. Trata-se de **um processo indispensável na presente conjuntura.**

FSP, 24/08/96.

Neste exemplo, o grupo nominal que exerce função parafrástica é introduzido por um artigo indefinido. Através de uma "ativação parcial" das instruções de referência dadas pelo segmento anterior, "a questão relativa às tarifas bancárias no Brasil", conclui-se que o grupo nominal indefinido remete a esse segmento anterior. Dessa forma, considerado no nível da referência, o traço "indefinido" do grupo nominal passa a ter uma orientação de referência interna no texto, o que lhe acrescenta uma re-definição,

¹⁷ A respeito dos usos das descrições definidas, ver Donnellan (1971:100).

ainda que apareça introduzido por um artigo indefinido, por excelência.

- SNs de sentido genérico

Esse tipo de SNs veicula um sentido genérico - como atestam os nomes "coisa", "dado", "fenômeno", "fato". Sua assimetria sintática apresenta-se, na maioria das vezes, menor em relação a sua matriz, configurando na seqüência textual uma espécie de resumo do que se disse previamente.

(64) A pneumonia e a diarréia matarão, nos próximos dez anos, cerca de 30 milhões de crianças nos países do Terceiro Mundo. **O dado** faz parte de relatório apresentado ontem pela OMS (...).

FSP, 26/06/91.

(65) L1 tem saído ultimamente... de carro?

L2 tenho mas você diz sair... fora... sair normalmente para a escola **essas coisas**?

NURC/SP D2 343:3-5.

(66) (...) A Coca livrou-se de qualquer escrúpulo e comprou os parceiros da Pepsi na Venezuela. A Pepsi abandonou o país. Suas ações despencaram na bolsa americana e a empresa quase foi à lona. No Brasil, **a coisa** também não anda bem para a Pepsi. Sua quarta tentativa de firmar-se no país foi por água abaixo (...).

VEJA, 04/09/96.

São possíveis, também, certas ocorrências de SNs genéricos seguidos de um complementador (um SP, um SAdj, por exemplo) que delimita, de certa forma, a extensão semântica do nome genérico em questão. Nestes casos, o que se observa é que o núcleo do SN pode vir precedido por um artigo indefinido (67) ou definido (68), como determinante:

(67) ... mas não existe assim dentro de um limite ex/PREciso... não existe assim:: um sal::to por exemplo né? () não é **uma coisa de saltos**... é coisa ()... né? então ela é uma curva é uma curva éh contí::nua... certo?

NURC/SP EF 377:266-270.

(68) Segundo o secretário Carlos Sampaio, 33, o Centro de Apoio às Vítimas da Violência vai funcionar com o trabalho voluntário de advogados, psicólogos e especialistas(...).

A idéia de criar um programa de auxílio às vítimas da violência, segundo Sampaio, surgiu de reuniões mantidas com entidades civis e representantes das polícias Civil e Militar.

FSP, 25/08/96.

5.3. Nível metalingüístico

Observamos, também, que certas ocorrências de SNs aparecem no nível metalingüístico, de modo a classificar trechos antecedentes ou subseqüentes do texto:

(69) Certas palavras e expressões já se tornaram de tal forma corriqueiras hoje em dia que

quase ninguém se preocupa em saber de onde elas vieram. Filmes e novelas estão cheios de cenas "eróticas". As tarefas do cotidiano são "hercúleas". Os homens andam cada vez mais "narcisistas". **Todos esses termos** (...) têm uma origem comum - a velha mitologia grega (...)"

VEJA, 22/07/92.

(70) No Brasil dos militares, o léxico foi submetido a usurpações abjetas. **Alguns vocábulos** como que perderam o sentido.

A palavra "governo" foi uma das mais vilipendiadas. Governo significava à época censura, prisão, tortura (...).

FSP, 16/09/96.

Como se pode observar, os SNs em destaque estabelecem uma relação do tipo metalingüística, com termos ou expressões aos quais se relacionam. Em (69), "todos esses termos" faz referência às palavras que funcionam como adjetivos ("eróticas", "hercúleas", "narcisistas") e que lhe são anteriores, constituindo, desse modo, uma relação anafórica. Já em (70), o SN "alguns vocábulos" seleciona, a partir do léxico, um palavra à qual se aplica a predicação em questão (vocábulos que "perderam o sentido"), aparecendo tal referente - "a palavra 'governo'" - em posição posterior a este SN, que atua como um elemento coesivo. Neste caso, tal relação aponta para um referente catafórico.

CAPÍTULO 6: ESTRUTURA TEMÁTICA DOS SNs

PARAFRÁSTICOS

Como mostramos, mais particularmente no capítulo 4, os SNs parafrásticos funcionam como formas referenciais - anafóricos e/ou catafóricos (com a ressalva que fizemos quanto a se considerar a paráfrase como um movimento de remissão "para frente"): não apenas retomam o referente anterior, mas também referem-se a partes seguintes do texto. Trata-se, portanto, de um mecanismo caracterizado pela coesão referencial.

Neste capítulo, será dada atenção especial à função dos SNs na progressão temática, na medida em que podem ser considerados como mecanismos coesivos diretamente relacionados à organização e articulação do assunto. Nesta orientação, segundo a qual buscamos explicitar a relação dos SNs parafrásticos com a coesão seqüencial, evidencia-se o nosso propósito de mostrar que os SNs parafrásticos integram um mecanismo que envolve tanto a coesão referencial como a coesão seqüencial.

No tocante à coesão seqüencial, destacamos um nível da análise lingüística, que diz respeito à articulação discursiva, e mais especificamente, ao da articulação tema-remática (ATR), por estarem os SNs parafrásticos estreitamente vinculados à progressão temática.

Desenvolvida pelos lingüistas da Escola Funcionalista de Praga (Danes, Firbas, Mathesius, entre outros), a questão da ATR diz respeito ao fato de as unidades semânticas poderem se organizar em blocos comunicativos, denominados **tema** (tópico, dado) e **rema** (comentário, novo). Em

linhas gerais, tema é o ponto de partida - o assunto, através do qual formulamos um declaração, e rema é essa declaração, é a informação nova, que acrescenta elementos cognitivos adicionais sobre o tema previamente instituído.

No presente trabalho, reconhecer o papel das categorias **tema** e **rema** num texto possibilitará compreender os processos de retomada (anáfora) e de inserção ou anúncios de desdobramento do assunto (catáfora), centralizados no N dos grupos nominais e articulados, por sua vez, com a classe dos determinantes, quantificadores, qualificadores, conforme as necessidades expressivas. Tendo em vista que as reflexões deste trabalho incidem sobre o papel dos SNs parafrásticos no seqüenciamento do texto, a ATR será considerada no tocante à tematização do assunto, papel esse freqüentemente realizado pelo N, e à sua contraparte lingüística, a rematização, que determina ou não o avanço ou o adensamento do tema. Contudo, deve-se destacar que outras dimensões da tematização podem ser identificadas ao longo da estruturação discursiva, como é o caso da tematização dos interlocutores e a tematização do discurso, através de operadores conversacionais (Cf. Castilho:1986), mas que fogem aos propósitos mais específicos deste trabalho.

Tema e **rema** são, pois, categorias da articulação discursiva que interferem nos processos léxico-gramaticais e semânticos: têm um papel na macro-estruturação discursiva do texto, fundada em critérios formais, funcionais e nocionais, e na micro-estruturação sintática da oração e do parágrafo, fundada, sobretudo, em critérios formais (Castilho: 1986).¹⁸

À macro-estruturação corresponde uma perspectiva

¹⁸ Nos termos de Ilari (1985:46), a história da ATR tem uma "dupla face": é motivada pelo propósito da observação de características "funcionais" da oração, e, também, é uma tentativa de compor tais observações com a análise sintático-semântica da oração, de modo a buscar uma visão integrada das formas que operam em seu interior.

contextual, em que o tema consiste na informação deduzível, e o rema, na informação nova, não deduzível, desconhecida pelo locutor e o alocutário. Numa perspectiva contextual-pragmática, o papel do tema, enquanto informação deduzível, ou conhecida, confirma a suposição de um pré-conhecimento daquilo que é tematizado, ou seja, de um "conhecimento de fundo". E diz respeito à pragmática o fato de um produtor e receptor de um texto estarem dispostos a aceitar ou não este conhecimento de fundo, tendo em vista, ainda, que eles compartilham uma parcela mínima, pelo menos, de conhecimentos comuns.

Já à micro-estruturação, corresponde uma perspectiva oracional, em que tema é, por definição, o primeiro segmento de qualquer oração, seguido pelo rema (aquilo que se diz do tema). Ou ainda, nessa segunda perspectiva, nas frases não marcadas o sujeito tem, em geral, a função pragmática (ou textual) de tópico e o predicado constitui o comentário acerca desse tópico (Cf. Mateus et al., 1992:151).

Observam-se, a título de exemplo, os seguintes SNs que constituem temas não marcados:

(71) *O presidente Ernesto Geisel, 88, morreu na última quinta, de parada cardíaca e insuficiência respiratória, no Rio de Janeiro. O general sofria de câncer ósseo.*

Geisel governou o país de 15 de março de 1974 a 15 de março de 1979 e foi responsável pelo início da abertura política. (...)

Geisel traçou uma estratégia para que seu grupo político permanecesse no poder.

O plano combinava retomada do crescimento econômico com redemocratização parcial do país

- a "distensão lenta, gradual e segura", como ele a denominava.

Geisel afastou os oficiais que se opunham à abertura política. Ao mesmo tempo, impediu que a oposição conseguisse a maioria no colégio eleitoral que elegeria seu sucessor. (...)

O general foi enterrado na sexta-feira no cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro (...).

FSP, 15/09/96.

Os SNs acima destacados constituem-se em tópicos sentenciais, ou frásicos, isto é, o sujeito tem a função textual de tema e o predicado constitui o rema, ou comentário desse tema. Verifica-se, também, que tais SNs são paráfrases de algum segmento anterior ("o general" está parafraseando o segmento "o presidente Ernesto Geisel", p. ex.), sendo expressões suficientemente determinadas para que o seu referente possa ser identificado, que resultam, por isso, em expressões definidas e nomes próprios.

Além disso, importa notar que o modo como se processa a progressão temática de um texto é uma condição sobre a coerência de sua estrutura temática¹⁹. Pode-se dizer que a estrutura textual do exemplo acima constitui, na sua maior parte, uma progressão temática com um tema constante²⁰,

¹⁹ Mira Mateus et alii (1992:146) tratam a conectividade conceptual, ou coerência textual, como um fator de textualidade resultante da interação entre os elementos cognitivos apresentados pelas ocorrências textuais e o nosso conhecimento do mundo. Segundo as autoras, "uma condição cognitiva sobre a **coerência** de um texto é a suposição da normalidade do(s) mundo(s) criado(s) por esse texto: *um texto é coerente se os elementos/esquemas cognitivos activados pelas expressões linguísticas forem conformes àquilo que sabemos ser (i) a estrutura dos estados, processos e eventos; (ii) as relações lógicas entre estados de coisas; (iii) as propriedades características dos objectos de um mundo "normal" "*.

²⁰ Danes (1974) discute diversas possibilidades de organização do

em que a um mesmo tema (com recorrência de conteúdos semânticos: "o general", "Geisel"), são acrescentadas, em cada enunciado, novas informações remáticas.

Cabe observar, neste ponto, que o jogo entre informações retomadas e informações novas, ou seja, a dinâmica entre tema e rema, confere um equilíbrio na constituição das unidades discursivas, uma vez que a informação nova permite o avanço do texto, ao passo que a recuperação de conteúdos assegura uma espécie de fio condutor²¹. Resulta, pois, deste equilíbrio a coerência do texto²².

Com relação ao exemplo (71), nota-se que o mesmo tópico discursivo (um "macro-tema": o presidente Ernesto Geisel), é sucessivamente retomado ao longo do texto, sob a forma de tópicos sentenciais. Esse tipo de progressão temática com tema contínuo (constante), proposto por Danes (1974:118), mostra que o mesmo tema T1 é recorrente: introduzido por diferentes formas denominativas ("O presidente Ernesto Geisel", "O general", "Geisel"), ele reaparece, em relação parafrástica, ao longo do texto, relacionado a diferentes remas (R1, R2, R3, R4, R5). Nota-se, também, que embora o tipo desta progressão se defina pela predominância de um tema constante, há um segundo tema (T2), definindo uma progressão temática "encaixada" do tipo linear, que se origina de uma rema (R4), que lhe é anterior, e que se interrompe, na medida em que R5 não se torna tema da

texto segundo a perspectiva funcional da sentença, propondo uma tipologia para a progressão temática: progressão temática linear, progressão temática com um tema constante, progressão com tema derivado, progressão por desenvolvimento de um rema subdividido, progressão com salto temático.

²¹A respeito da introdução e retomada dos elementos de um texto, ver Combettes (1986), que considera a regra de progressão e a regra de repetição ("deux des méta-règles de bonne formation des textes") como regras de coerência textual.

²²Sobre este assunto, ver KOCH & TRAVAGLIA (1990:64).

próxima seqüência lingüística, pois reaparece T1. É o que pode ser visualizado pela representação gráfica a seguir:

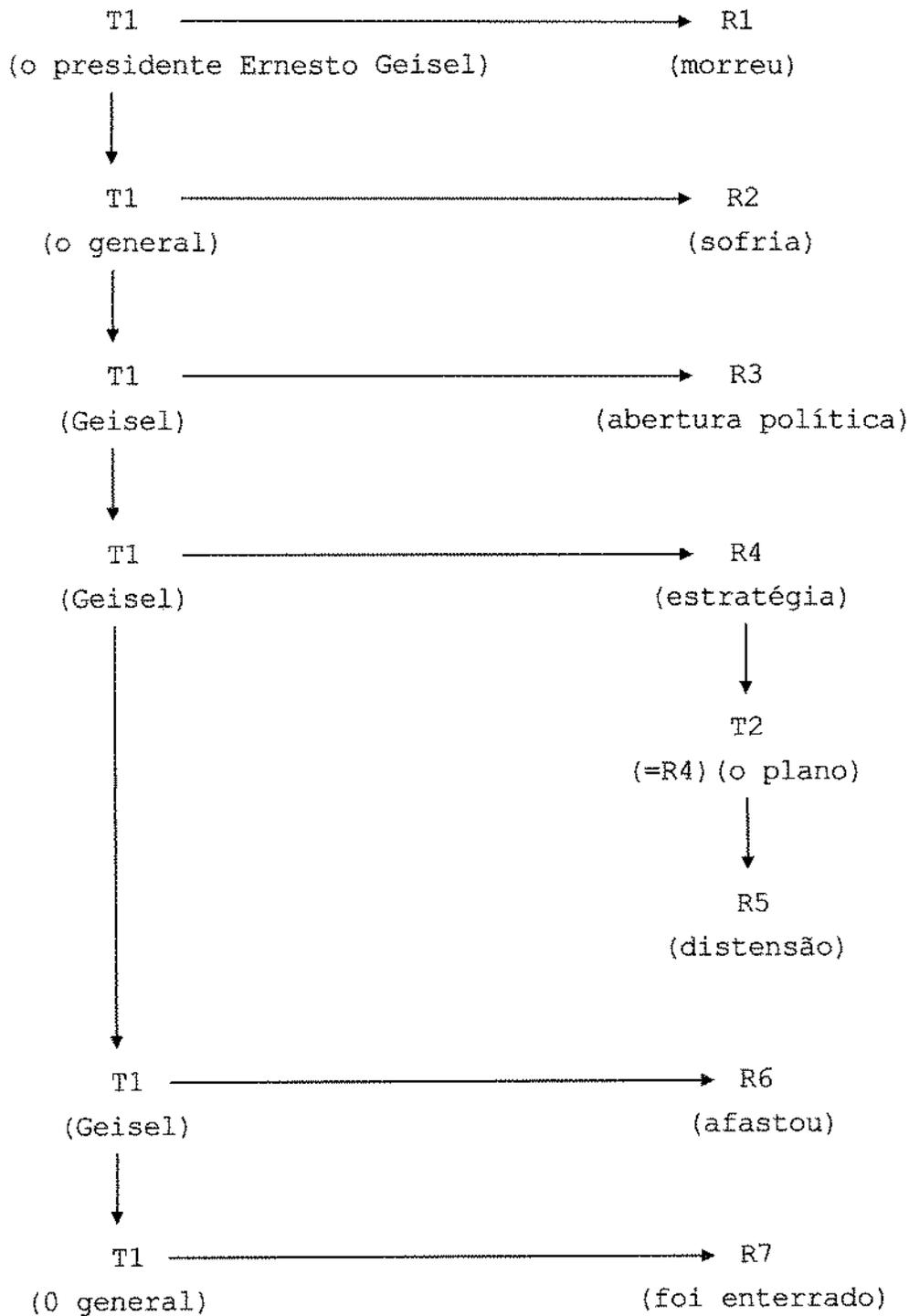


Gráfico 4.

Com relação a este mesmo exemplo, observamos, também, que no quarto parágrafo, em que se verifica a terceira ocorrência do SN próprio "Geisel", segue-se um enunciado cuja informação nova tem como tema um sujeito elíptico, que se refere ao presidente em questão:

"Ao mesmo tempo, (Ø) impediu que a oposição conseguisse a maioria no colégio eleitoral que elegeria seu sucessor".

Uma outra condição para que a estrutura temática de um texto seja coerente é que os elementos cognitivos fornecidos pelo comentário sejam relevantes acerca do tópico. Segundo as autoras (Cf. Mateus et. al., 1992:149), a relevância recobre uma grande variedade de relações conceptuais que o comentário deve manter com o tópico; entre elas, destacam-se as seguintes relações:

- particular-geral, geral-particular;
- parte-todo, todo-parte;
- elemento-classe, classe-elemento;
- semelhança ou identidade entre um elemento do comentário e o tópico.

Algumas dessas relações de sentido estão elencadas no capítulo IV, em que se propõe uma tipologia dos SNs parafrásticos. Em se tratando da estrutura temática dos SNs parafrásticos, observa-se o seguinte exemplo, em que há uma relação temática do tipo "geral-particular", entre tema e comentário:

(72) *A região de Campinas* não tem controle sobre uma das principais fontes de poluição

atmosférica: *a fumaça expelida pelos carros*. A razão disso é a falta de estrutura e de verbas dos órgãos públicos e controle ambiental. (...)

As crianças são as mais afetadas. As doenças mais freqüentes são **a bronquite asmática, a traqueíte (inflamação da traquéia) e a pneumonia.**

FSP, 26/05/96.

Neste exemplo, há um "hipertema" [T] ("a região de Campinas"), a partir do qual se deriva outro subtema, ou tema parcial, como "a fumaça expelida pelos carros" (T1). Este tipo de estrutura temática mostra, portanto, uma progressão temática com tema derivado (T1) de um tema mais abrangente [T], em torno do qual se organizam os elementos cognitivos fornecidos pelas seqüências seguintes, que enriquecem o espaço cognitivo centrado nesse tema maior.

Além deste tipo de progressão, observa-se, também neste exemplo, uma tematização linear, em que o comentário (R1) que se faz sobre a fumaça dos carros passa a tema (T2) do enunciado seguinte. Isto é, delimita-se de que modo a fumaça afeta as crianças: desencadeando doenças. Destaca-se, nessa estrutura temática, a relação "todo-parte", ou "geral-particular", que os elementos do comentário (R2), especificados pelos SNs "bronquite asmática", "traqueíte" e "pneumonia", estabelecem com o subtema (T2) "as doenças".

A estrutura temática deste exemplo está representada pelo gráfico a seguir:

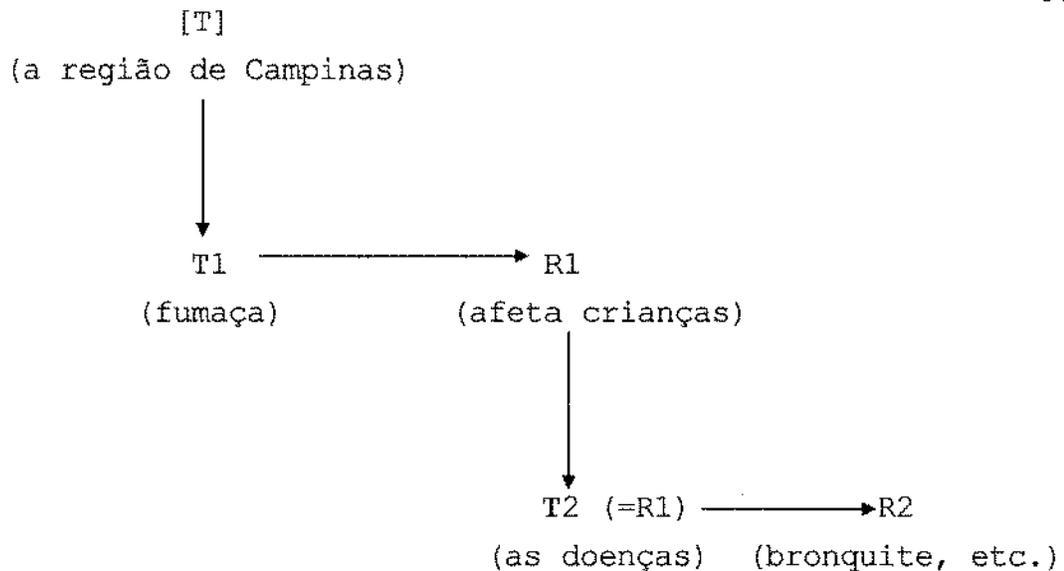


Grafico 5.

Um outro exemplo com progressão com tema derivado pode ser observado em:

(73) *Três repúblicas* foram pioneiras na luta pela independência. **Lituânia, Letônia e Estônia**, anexadas por Moscou durante a Segunda Guerra Mundial, apresentaram os primeiros desafios, e **os lituanos** se libertaram em março de 1990.

FSP, 16/09/96.

O texto do qual foi retirado o exemplo acima tem como tópico central (tópico discursivo) o fim da União Soviética, o seu desmoronamento. E, ao longo do texto, há subtópicos, ou tópicos locais, que, ainda que não sejam necessariamente o tópico central do discurso, estão em relação direta com o mesmo, ou seja, com eventos e estados relatados no discurso. Esses subtópicos ocorrem, geralmente,

como argumentos de verbos (objeto, sujeito), e, no exemplo dado funcionam como sujeito. É o que se pode observar se analisarmos o SN "três repúblicas", os SNs próprios "Lituânia, Letônia e Estônia" e o SN "os lituanos", que são sujeito dos verbos "foram", "apresentaram" e "libertaram", respectivamente.

No que diz respeito à estrutura temática desse segmento, ou seja, ao modo como o texto seleciona e vai apresentando o assunto, observa-se que há uma progressão com tema derivado, que pode ser representada pelo seguinte gráfico:

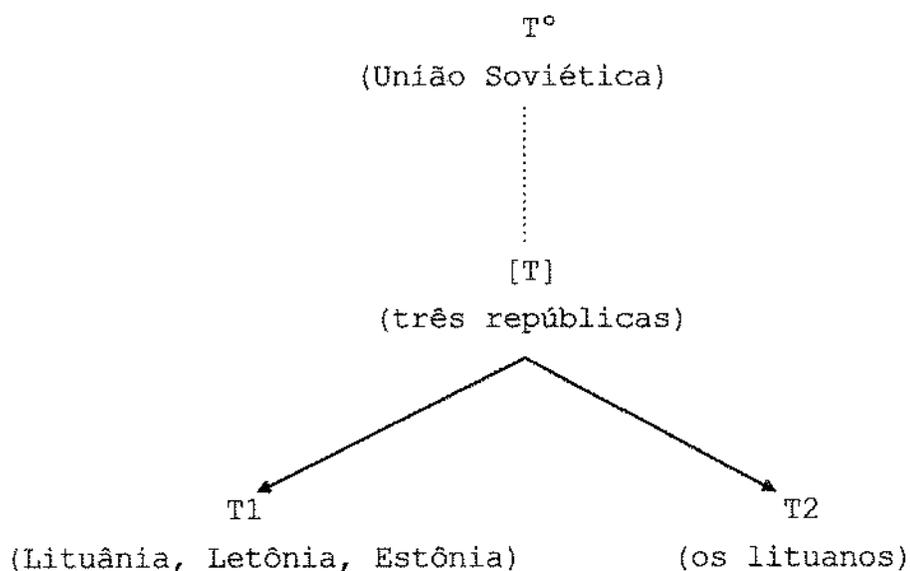


Gráfico 6.

Dado o assunto discursivo - a União Soviética (notado T°), dele derivam-se temas parciais. O dado faz, portanto, um recorte de um tema [T] ("três repúblicas"), do qual, por sua vez, derivam-se outros subtemas, (T1) ("Lituânia, Letônia e Estônia") e (T2) ("os lituanos"). A partir desses temas derivados é que se organizam os elementos cognitivos fornecidos pelas seqüências seguintes,

introduzidos no seu comentário, formando, assim, a estrutura informacional do texto.

Assim, pode-se dizer que as informações contidas nos comentários acerca de cada subtema são relevantes para a coerência de sua estrutura temática. A relevância, como apontam Mateus et al. (op.cit.:150) "envolve a escolha, de entre os vários comentários possíveis acerca do tópico que satisfaçam a conectividade conceptual, apenas daqueles que, num determinado momento preciso do desenvolvimento do texto, e na situação concreta da sua produção-interpretação, são considerados pelo locutor como contributos para a progressão temática do texto".

Ainda, com relação à função cognitiva do tópico, as referidas autoras (op. cit.: 149) observam:

"Em geral, um tópico tem a função cognitiva de **seleccionar** e **activar** um elemento existente na memória passiva do alocutário, transferindo-o para uma memória activa em que possa ser combinado com novos elementos cognitivos introduzidos pelo comentário".

Tendo em vista, pois, essa função cognitiva dos tópicos, que determina que seus referentes sejam apresentados em alguma porção textual, ou sejam, de alguma forma, partilhados pelos intervenientes na produção-interpretação de um texto, na situação em que o texto é produzido, enfatizamos, neste trabalho, particularmente o primeiro componente da ATR: o tema. É nesse lugar que ocorrem, sobretudo, os processos de retomada ou remissão a entidades já introduzidas no texto (dimensão anafórica da referência), que resultam, muitas vezes, na formação de cadeias coesivas, cujo valor referencial pode variar de um ponto a outro no

interior do texto. A título de exemplo:

(74) A capital de Minas Gerais, Belo Horizonte, localizada a 440 quilômetros do litoral, pode se transformar em um "porto seco" - um desses locais em que se embarca uma mercadoria para o exterior, passando pela alfândega, mesmo que o navio esteja muito longe dali. **Esse porto seco** poderia surgir em Santa Luzia, na região metropolitana de Belo Horizonte, construído pela empresa mineradora Vale do Rio Doce. Desde os anos 40, **a Vale** é dona de uma estrada de ferro que usa para levar minério de Minas Gerais para o litoral do Espírito Santo. **Essa ferrovia** vai do Porto de Tubarão, em Vitória, até 98 quilômetros de Belo Horizonte. (...)

VEJA, 04/07/90.

No exemplo acima, observa-se que o rema, ou comentário, de um enunciado anterior passa a tema do enunciado seguinte, e o rema deste, por sua vez, a tema do seguinte, e assim sucessivamente. Tal estrutura textual é considerada uma progressão temática do tipo linear, como sugere o quadro:

TEMA	REMA
a capital de Minas Gerais	porto seco
porto seco	empresa mineradora Vale do Rio Doce
a Vale	uma estrada de ferro
essa ferrovia	... de Belo Horizonte

Quadro 1.

O mesmo quadro pode ser visualizado pelo gráfico a seguir:

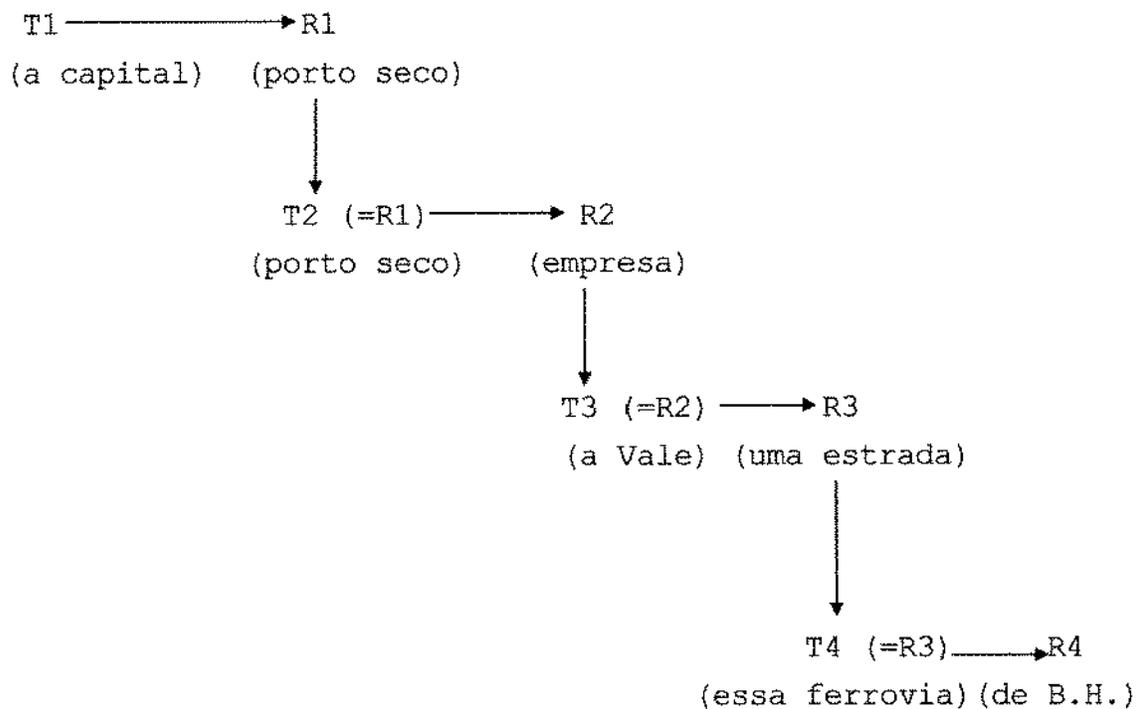


Gráfico 7.

Com base nas descrições feitas dos SNs nesse capítulo, no que se referem a seu papel no seqüenciamento da informação textual, pôde-se observar que os mesmos, além de estabelecerem relações de natureza parafrástica no interior do texto, promovem a seleção e apresentação de um ou mais assuntos (estrutura temática), bem como determinam o modo de distribuição da informação que apresentam (estrutura informacional).

Desse modo, os SNs estão duplamente relacionados a um dos mecanismos lingüísticos de coesão textual, denominado coesão seqüencial: não só pelas relações parafrásticas que engendram no texto - seqüenciação parafrástica, mas também por configurarem procedimentos de articulação de seqüências textuais, representados pela análise de sua progressão temática, sob as categorias "tema e rema" - seqüenciação frástica. O que equivale a dizer que a abordagem parafrástica dos SNs proposta neste capítulo visou, preferencialmente, a tratá-los como mecanismo representativo de coesão textual, do tipo seqüencial.

CONCLUSÃO

O percurso da análise dos SNs parafrásticos feita neste trabalho revelou alguns pontos que merecem ser destacados nessas considerações finais. Inicialmente, gostaríamos de acrescentar ao trabalho desenvolvido até o presente momento uma colocação de natureza questionadora.

Os dados examinados neste trabalho mostraram uma ocorrência mais expressiva de paráfrases, a nível dos constituintes do SN, tanto no núcleo(N) quanto no complemento do SN, e sobretudo quando esse complemento é representado por um sintagma adjetival (SADJ). Assim, fazendo um confronto do funcionamento parafrástico entre as categorias sintáticas que podem exercer a função de complemento do N, evidenciamos que a relação parafrástica ocorreu mais significativamente (em termos quantitativos de ocorrências) quando o complemento estava representado por um SADJ, do que quando nessa função ocorriam categorias sintáticas representadas por sintagmas preposicionais (SPREPs) ou, ainda, por orações relativas restritivas (ORRs) e explicativas ou apositivas (ORAs). Tendo em vista, pois, esse comportamento sintático dos SPREPs (nos exemplos: 18c, 19a e 19b, 21, pp. 33-34), bem como das relativas não-parafraseadas (exemplos: 22, p. 36; 31, p. 43), perguntamo-nos:

- Por que algumas estruturas são mais facilmente parafraseadas em detrimento de outras?
- A categoria sintática que se apresenta na função de complemento do N está condicionada por algum fator que favorece ou dificulta o seu parafraseamento?

Uma hipótese que podemos sugerir, mas que merece ser examinada mais cuidadosamente, é que há marcas gramaticais (do tipo: preposição e conjunção), estabelecendo

uma relação de dependência ou subordinação entre essas estruturas não-parafraseadas e o núcleo do SN em que tais estruturas ocorrem, e criando, portanto, uma relação sintática "forte", que dificultaria a paráfrase. O que, por outro lado, não se verifica com o SADJ, visto que este não se apresenta vinculado ao núcleo do SN por uma marca gramatical, mas sim pode apenas se justapor ao nome, estabelecendo, por sua vez, em contrapartida, uma relação sintática "fraca".

Coloca-se, então, a partir dessa hipótese apresentada, o seguinte questionamento: ligações sintáticas "fortes" impediriam a paráfrase?

Em seguida, gostaríamos de notar que, embora não estando nos limites desta pesquisa, evidenciamos a necessidade de uma articulação dos tipos de SNs - propostos no capítulo 5, com a sua configuração sintática, de modo a distingui-los nas categorias de análise abordadas nos capítulos 2, 3 e 4, respectivamente: paráfrases intra-sintagmáticas, intra-sentenciais e intersentenciais. Assim, uma outra análise a ser considerada apontaria para uma correlação formal entre os constituintes de SNs e cada tipo de paráfrase observado nos referidos capítulos, o que seria resultante da seguinte investigação: certos tipos de paráfrases teriam que tipo de marcas formais? (por exemplo: presença ou ausência de traços definido/indefinido, representados por um artigo; etc.).

Também, observou-se a necessidade de, após a exposição e análise dos dados no seu caráter qualitativo, verificarmos os resultados ou descobertas da pesquisa com base numa quantificação dos dados. Ou seja, embora não o tenhamos feito neste momento, o trabalho seria merecedor de uma análise quantitativa dos dados, no sentido de explicitar os tipos de SNs parafrásticos nas suas diversas

ocorrências.

Faz-se necessário observar, ainda, que as análises aqui feitas a partir dos dados apresentados revelaram uma leitura interpretativa dos mesmos, o que não exclui, absolutamente, outras possíveis leituras, e, em consequência destas, diferentes análises, que poderiam enriquecer, certamente, o trabalho.

A seguir, destacamos algumas conclusões a que chegamos nesta pesquisa, relativamente ao funcionamento parafrástico do SN. Para tanto, apresentamos uma classificação dos SNs, segundo alguns mecanismos reveladores desse funcionamento. No entanto, tais mecanismos devem ser vistos, não como excludentes, mas sim como partes de uma engrenagem maior, que se complementam e dizem respeito ao processo lingüístico de constituição do texto como um todo.

1. Um mecanismo constitutivo e ampliador do texto

À luz do funcionamento das paráfrases empreendidas pelos SNs (quando dizemos SN, referimo-nos também aos seus constituintes), um primeiro ponto a ser observado é que o processo parafrástico está relacionado a um movimento crescente e de ampliação do ambiente sintático em que ocorrem as paráfrases. Ou seja, ao identificarmos e analisarmos as paráfrases promovidas por constituintes do SN, seja no interior do próprio sintagma (cap. 2), seja no nível da sentença (cap. 3), ou ainda, entre SNs de sentenças diferentes (cap. 4), revelou-nos ser tal processo lingüístico um mecanismo ampliador que pode ocorrer em porções

sintáticas menores do texto, como o sintagma, passando pela sentença e, finalmente, ampliando todo o texto. Dessa observação podemos extrair nossa primeira conclusão a respeito da paráfrase dos SNs: constitui-se em um recurso lingüístico que promove a ampliação do sintagma, da frase e do texto como um todo, de modo a reorganizá-los num movimento crescente, que reflete, por sua vez, uma reorganização não somente sintático-lexical, mas também de ordem semântica.

2. Um mecanismo de re-criação dos sentidos

Na Introdução e no capítulo 1, definimos que o nosso objeto de análise seriam os SNs parafrásticos, comprometendo-nos, assim, com um quadro teórico e com um conjunto de definições que envolvem o estudo da paráfrase. Em linhas gerais, partimos do conceito de que a paráfrase deveria ser entendida como uma relação de equivalência semântica, em maior ou menor grau, entre um enunciado fonte, ou matriz, e um outro enunciado que conteria a paráfrase propriamente dita. Tal definição, como vimos, foi seguida da ressalva de que os SNs, muitas vezes, não remetem a nenhum elemento particular do texto, devido à ausência de alguma marca sintática que possibilite a criação de um sentido equivalente, podendo a matriz, nesses casos (como em (48) e (49), às pp. 63-64) ser inferida de todo o contexto.

Ainda no tocante ao funcionamento semântico dos SNs parafrásticos, julgamos importante destacar um outro ponto, embutido na noção teórica de paráfrase: os dados mostraram que a paráfrase dever ser compreendida, na

perspectiva de produção efetiva da linguagem, como um processo contínuo não apenas de reprodução de sentido, mas também de alterações semânticas. Se a própria repetição, enquanto estratégia lingüística já significa diferentemente, ao introduzir uma modificação no processo discursivo (Orlandi: 1987:119), parece-nos indiscutível considerar, como ponto de sustentação para essa "tese", que o ato de parafrasear, ao reproduzir sentidos, cria, simultaneamente, novos sentidos. O que implica em concluirmos que os SNs parafrásticos, por sua vez, promovem não apenas a retomada de sentidos, mas também, a sua re-criação. É o que ocorre com as ocorrências de SNs parafrásticos, como as verificadas nos exemplos (5) e (13) (p. 25 e 29, respectivamente), do capítulo 2, atestam.

Como aponta Orlandi (op. cit.:119), considerando-se que todo elemento sintático tem um contorno significativo, é preciso procurar a diferença de sentido instaurada pela diversidade das construções lingüísticas. Em nosso caso específico, a diversidade de construções de SNs parafrásticos levou-nos a procurar essa diferença de sentido.

3. Um mecanismo paradoxal

Um terceiro ponto de destaque resultante deste trabalho é que os SNs parafrásticos colocam em jogo um mecanismo paradoxal, dado o modo de funcionamento da própria paráfrase. Ao mesmo tempo em que ela retoma um conteúdo, acrescenta novas informações ao texto. Daí ser necessário que um modelo lingüístico de abordagem do funcionamento parafrástico dê conta dessa bipolaridade contraditória: há uma unidade que revela, simultaneamente, o mesmo e o

diferente, o repetido e o reformulado, o conhecido e o novo; enfim, criam-se efeitos de sentido que não se excluem, e sim se complementam.

Essa contradição intrínseca que funda o funcionamento parafrástico é corroborada por Fuchs (1982:29-30), na sua notável formulação:

"S'il est clair que l'identité de référence ne constitue pas une condition suffisante de la synonymie (...), il apparaît également qu'en discours, la reformulation paraphrastique a pour support autre chose que l'identité de sens. On constate en effet que la reformulation peut parcourir pratiquement tout le champ sémantique, du Même (répétition littérale, apparente tautologie) au Tout Autre (contradiction frontale), en passant par tous les degrés du Pareil/Pas Pareil. Tout (mais pas n'importe quoi!) peut reformuler un discours-source, pour un sujet, dans une situation donnée".

4. Um mecanismo enunciativo

Ainda que a dimensão enunciativa da paráfrase não tenha sido o escopo da análise dos SNs parafrásticos que propusemos no presente trabalho, gostaríamos de ressaltar que nem por isso deixamos de considerar a perspectiva teórica que prioriza o fenômeno parafrástico em sua função enunciativa. Segundo Fuchs (1988:157), um tratamento puramente predicativo das equivalências parafrásticas de um enunciado tomado como

ponto de partida é parcial e, até mesmo redutor, pois desconsidera a dimensão enunciativa da paráfrase. Portanto, é necessário que se considere a paráfrase como reveladora do modo de funcionamento da semântica das línguas naturais, na sua flexibilidade e em seus "jogos":

"C'est en définitive la dimension ouverte du langage, ses marges inhérentes de jeux et de glissements, dues à l'inscription des sujets et des conditions d'énonciation dans le système lui-même, qui expliquent la possibilité de l'ambiguïté et de la paraphrase" (Fuchs, 1985:35).

Poderíamos, então, destacar, como um quarto ponto, que a função enunciativa dos SNs paráfrásticos pode ser relacionada, mais particularmente, com a tipologia que propusemos dos mesmos, no capítulo 5, a partir das categorias de natureza morfológica, semântico-lexical e semântico-pragmática. Revelando o funcionamento dos SNs estudados, a tipologia proposta reflete, também, alternativas diferenciadas, que podem ser interpretadas como estratégias enunciativas, selecionadas pelo locutor para estabelecer relações de sentido diversas (do tipo: sinonímia, hiperonímia, nominalizações, etc.), dependendo de cada situação de comunicação.

Em seguida, procedemos à análise da estrutura temática dos SNs parafrásticos, no capítulo 6. Foi destacada a ATR (articulação tema-remática, na perspectiva funcionalista) como objeto teórico, que possibilitou a identificação dos SNs em estudo como mecanismos coesivos diretamente relacionados com a organização e progressão do assunto. Dessa forma, tratamos os SNs no tocante à tematização do assunto, sendo

que as escolhas temáticas efetuadas pelo falante pode ser uma das estratégias enunciativas a serem consideradas, numa perspectiva da enunciação, como vimos mostrando.

5. Um mecanismo coesivo

Finalmente, verificou-se que os SNs, estudados à luz da ATR (capítulo 6), mostraram-se como elementos de coesão seqüencial, em seu duplo aspecto: apontaram não somente para uma seqüenciação parafrástica, mas também para uma seqüenciação frástica. Tal abordagem dos SNs, segundo a progressão temática, veio confirmar a hipótese norteadora de nosso trabalho de que os SNs parafrásticos constituem, sem dúvida, não apenas um procedimento de referenciação no texto (como pôde ser observado mais detalhadamente no capítulo 4), mas também um procedimento de conectividade seqüencial, assinalando, portanto, relações tanto de continuidade referencial quanto de continuidade temática.

O que equivale a dizer que a abordagem dos grupos nominais do Português, proposta nesta dissertação, buscou demonstrar, pelo enfoque da paráfrase, o papel desses SNs, enquanto um recurso de coesão-e-coerência textual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTOS, Gerd. (1982). **Grundlagen einer Theorie des Formulierens**. Tübingen: Max Niemeyer.
- BANGE, P. (ed.) (1987). **L'analyse des interactions verbales - La Dame de Caluire: une consultation**. Berna, Frankfurt, New York, Paris: Lang.
- BASTOS, Liliana C. (1993). **Da gramática ao discurso: uma análise das funções do ajetivo no português falado**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, PUC-RJ.
- BENVENISTE, Émile. (1988). **Problemas de Linguística Geral**. 2ª. ed., São Paulo: Ed. Nacional. (1ª. ed.: 1966).
- BLANCHE-BENVENISTE, Claire. (1984). La denomination dans le français parlé. **Recherches sur le Français Parlé 6**, Université de Provence.
- CASTILHO, Ataliba T. de. (1986). **Uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus** (mimeo).
- _____ (1988). **Para o estudo das unidades discursivas no português falado: o problema dos marcadores** (mimeo).
- CASTILHO, Ataliba T. de & PRETI, Dino (org.) (1986). **A Língua Falada Culta na Cidade de São Paulo**, vols. I, II. Projeto de estudo da norma lingüística urbana culta de São Paulo (Projeto NURC/SP). São Paulo: T. A. Queiroz.

- CHOMSKY, Noam A. (1981). **Lectures on Government and Binding**.
Dordrecht, Holanda: Soris.
- COMBETTES, Bernard. (1986). Introduction et Reprise des
Éléments d'un Texte. **Pratiques**, n°. 49, pp. 69-84.
- DANES, F. (1966). On defining the theme in functional
sentence analysis. **Travaux de Linguistique de Prague** 1,
pp. 225-240.
- _____ (1974). Functional Sentence Perspective and the
Organization of the Text. In: DANES, F. (ed.) **Papers on
on Functional Sentence Perspective**. Praga: The Hague.
- DONNELLAN, Keith. (1971). Reference and definite descriptions.
In: STEINBERG, Danny D. & JAKOBOVITS, Leon A. (eds.),
pp. 100-114.
- FILLMORE, C. (1977). **Syntax and Semantics** 8. New York:
Academic Press.
- FUCHS, C. (1982). La paraphrase entre la langue et le discours
Langue française 53. Paris: Larousse, pp. 23-33.
- _____. (1985) L'ambiguïté et la paraphrase, propriétés
fondamentales des langues naturelles. In: FUCHS, C.
(ed.). **Aspects de l'ambiguïté et de la paraphrase dans
dans les langues naturelles**. Berne, New York: Peter
Lang, pp. 07-35.
- _____. (1988). Paraphrases prédicatives et contraintes
énonciatives. In: FUCHS, C. & Bès, G. G. (eds.) (1988)
(1988), pp. 157-176.

- FUCHS, C. & BÈS, G. G. (eds.) (1988). **Lexique et paraphrase**. France: Presses Universitaires de Lille.
- FUCHS, C. & Le GOFFIC, P. (1983). Ambiguité, paraphrase et interprétation (1^a parte). **Modèles linguistiques V, 2**. Presses Universitaires de Lille, pp. 109-136.
- GIVÓN, Talmy. (1984). The pragmatics of referenciality. In: SHIFFRIN, D. (ed.). **GURT'84**. Washington, D.C.: Georgetown University Press.
- _____ (1987). Beyond Foreground and Background. In: TOMLIN, Russel S. (ed.), pp. 175-188.
- GÜLICH, E. & KOTSCHI, T. (1987a). Reformulierungshandlungen als Mittel der Textkonstitution: Untersuchungen zu französischen Texten aus mündlicher Kommunikation. In: MOTSCH, W. (org.), pp. 198-269.
- _____. (1987b). Les actes de reformulation dans la consultation "La Dame de Caluire". In: BANGE, P. (ed.), pp. 15-81.
- HALLYDAY, M. A. K. & HASAN, Rugaia (1976). **Cohesion in English**. London: Longman.
- HILGERT, J. G. (1989). **A Paráfrase - Um Procedimento de Constituição do Diálogo**. Tese de Doutorado, São Paulo, USP.
- HOROWITZ, R. & SAMUELS, S. J. (eds.) (1987). **Comprehending Oral and Written Language**. San Diego: Academic Press.

- ILARI, Rodolfo (1985). **Perspectiva funcional da frase portuguesa**. São Paulo: UNICAMP.
- KALLMEYER, W., MEYER-HERMANN, R. et al. (1974). **Lektürekolleg zur Textlinguistik**, vol. II. Frankfurt, Athenäum: Reader.
- KOCH, Ingedore G. V. (1989). **A Coesão Textual**. São Paulo: Contexto.
- KOCH, Ingedore G. V. & TRAVAGLIA, Luiz C. (1990). **A Coerência Textual**. São Paulo: Contexto.
- LAKOFF, G. (1971). On generative semantics. In: STEINBERG, Danny D. & JAKOBOVITS, Leon A. (eds.), pp. 232-296.
- LOBATO, Lúcia M. P. (1986). **Sintaxe Gerativa do Português: da teoria Padrão à teoria da Regência e Ligação**. Belo Horizonte: Ed. Vigília.
- LYONS, J. (1979). **Introdução à Linguística Teórica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- _____ (1981). **Language, Meaning and Context**. Fontana: Paferbachs.
- MATEUS, Maria Helena M. et al. (1989). **Gramática da Língua Portuguesa**. 3ª ed., Lisboa: Editorial Caminho.
- MOTSCH, W. (ed.) (1987). **Satz, Text, sprachliche Handlung**. Berlin: Akademie-Verlag Studia Grammatica, XXV.
- ORLANDI, Eni P. (1987). **A linguagem e seu funcionamento - As formas do discurso**. 2ª. ed., Campinas: Pontes.

- PERINI, M. A. (1989). Funções de nível suboracional. In: **Sintaxe Portuguesa-Metodologia e Funções**. São Paulo:Ática.
- PRETI, Dino & URBANO, Hudinilson (orgs.) (1988). **A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo**, vols. III, IV. Projeto de estudo da norma lingüística urbana culta de São Paulo (Projeto NURC/SP). São Paulo: T. A. Queiroz.
- SCHRÖDER, P. & STEGER, H. (eds.) (1981). **Dialogforschung**. Jahrbuch des Instituts für Deutsche Sprache 1980 (Sprache der Gegenwart 54). Düsseldorf: Schwann.
- SERRANI, S. M. (1991). **A Paráfrase como ressonância interdiscursiva na construção do imaginário de língua**. O caso do espanhol Riopratense. Tese de Doutorado, Campinas: UNICAMP.
- STEINBERG, Danny D. & JAKOBOVITS, Leon A. (eds.) (1971). **Semantics**. An interdisciplinary reader in Philosophy, Linguistics and Psychology. Cambridge: University Press.
- STUART, C. I. J. M. (eds.) (1964). **Report of the fifteenth annual (first international) round table meeting on linguistics and language studies**. Washington: Georgetown University Press.
- TOMLIN, Russel S. (ed.) (1987). **Coherence and Grounding in Discourse**. Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins Publishing.
- UNGEHEUER, Gerold. (1969). Paraphrase und syntaktische Tiefenstruktur. **Folia Linguistica**. The Hague, 3:178-227.

- van DIJK, T. A. (1985). Semantic Discourse Analysis. 106
In:
van DIJK (ed.). **Handbook of Discourse Analysis**. London:
Academic Press.
- _____ (1987). Episodic Models in Discourse Pro-
cessing. In: HOROWITZ, R. & SAMUELS, S. J. (eds.).
- WENZEL, Angelika. (1981). Funktionen Kommunikativer Paraphrasen.
In: SCHRODER, P. & STEGER, H. (orgs.), pp. 385-401.
- ZGUSTA, Ladislav. (1971). **Manual of Lexicography**. Prague:
Publishing House of the Czechoslovak Academy of
Sciences.